

Maria Goreti Teixeira Brandão Guedes

AS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR E A PEDAGOGIA DO LAZER

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS
2013

Orientador: Professor Doutor Fernando Diogo

Instituto Politécnico do Porto
Escola Superior de Educação

**AS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR E A
PEDAGOGIA DO LAZER**

Maria Goreti Teixeira Brandão Guedes

fevereiro 2013

Projeto de Investigação apresentado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, para a obtenção do grau de Mestre em Administração das Organizações Educativas, realizado sob a orientação do Professor Doutor Fernando Diogo

“Uma criança que não sabe brincar será um adulto que não sabe pensar”

Jean Chateau

DEDICATÓRIA

**Aos meus filhos
Catarina e André**

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Fernando Diogo pelas sábias opiniões na orientação deste projeto.

Aos meus professores da ESE.

Às colegas Flamínia, Isabel e Zé companheiras neste desafio.

Às colegas da EB1 de Carvalhos pela disponibilidade e partilha.

Aos técnicos das AEC pela colaboração.

A todos muito obrigada.

RESUMO

Nas últimas décadas a sociedade tem sido palco de várias mudanças, reflexo do desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais globalizada. Este desenvolvimento emergente da sociedade, gerou novas necessidades e impôs também novos desafios à instituição escolar.

Uma das novas necessidades, à qual a escola precisou responder, foi a de ocupar por mais tempo as crianças na escola e alargar a sua oferta pedagógica, uma vez que, atualmente, a maioria dos pais trabalha.

Surge assim, o conceito de escola a tempo inteiro e a implementação das atividades de enriquecimento curricular (AEC).

As AEC vieram substituir as atividades de tempos livres, que se destinavam a proporcionar atividades de lazer e que possibilitavam que a criança escolhesse sobre o que fazer e como.

A significativa alteração na organização e funcionamento das escolas, decorrente da implementação das AEC, veio suscitar dúvidas nos professores e comunidade educativa, que se viram confrontados com a longa permanência dos alunos na escola, a pouca disponibilidade das crianças para brincadeiras, em resultado de um horário escolar preenchido em atividades, desvalorizando-se o brincar espontâneo das crianças como forma de interação e construção de conhecimento.

Reconhecendo a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento global da criança, este estudo pretende contribuir para o desenvolvimento das AEC, num contexto lúdico, suportado pelas características do lazer.

Palavras-chaves: tempo livre, atividades de enriquecimento curricular, lúdico, lazer

ABSTRACT

The various changes, reflecting the emerging development of a society increasingly globalized, generated new needs and also imposed new challenges to school.

One of the new requirements, which the school had to answer was to occupy for a longer period of time the children in school and to extend its educational offer, since, currently, most parents work.

This leads to the concept of full-time school and the implementation of curriculum enrichment activities (AEC).

The AEC replaced the leisure time that were intended to provide relaxing activities and that allowed the child to choose what to do and how.

A significant change in the organization and operation of schools, arising from the implementation of the AEC, casted some doubts on teachers and the education community, who were confronted with a long students stay in school, the limited availability of children to play, as a result of a school day filled with activities, devaluing the spontaneous play of children as a form of interaction and knowledge construction.

Recognizing the importance of play activities in the overall development of the children, this study aims to contribute to the development of AEC, in a playful context, supported by the characteristics of leisure.

Key words: free time; curriculum enrichment activities; ludic; leisure.

ABREVIATURAS / SIGLAS

AEC - Atividades de Enriquecimento Curricular

ATL - Atividades de Tempos Livres

CAP - Comissão de Acompanhamento do Programa

CNE - Conselho Nacional de Educação

CONFAP - Confederação Nacional das Associações de Pais

ME - Ministério da Educação

ONU - Organização das Nações Unidas

PAA - Plano Anual de Atividades

PCE - Projeto Curricular de Escola

PEE - Projeto Educativo de Escola

RI - Regulamento Interno

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES, GRÁFICOS E TABELAS

Ilustração 1 - Distribuição dos alunos do 1º Ciclo.....	33
Ilustração 2 - Horário da turma T6	41
Ilustração 3 - Horário da turma T 4	41
Ilustração 4 - Horário da turma T 8	41
Gráfico 1 – Participação dos alunos nas AEC.....	43
Gráfico 2 - Opinião sobre as atividades	45
Gráfico 3 - As atividades mais preferidas e menos preferidas.....	46
Tabela 1 Preferências dos alunos.....	43
Tabela 2 - Opinião dos alunos na escolha das atividades.....	44
Tabela 3 - Opção de outras atividades	44
Tabela 4 Calendarização do Plano de Ação	59
Tabela 5- Horários dos Ateliers/Atividades	60
Tabela 6 Horário do aluno	60

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO I - O PROBLEMA VISADO PELO PROJETO	15
1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	15
1.2 RELEVÂNCIA E PERTINÊNCIA DO PROBLEMA.....	15
1.3 RAZÃO DA ESCOLHA DO PROBLEMA	16
1.4 OBJETIVOS GERAIS DO PROJETO.....	17
1.4.1 Objetivos relacionados com conhecimento da realidade.....	17
1.4.2 Objetivos relacionados com transformação da realidade	17
CAPITULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO LEGAL.....	18
2.1 CONCEITO DE TEMPO LIVRE E LAZER.....	18
2.2 A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE LÚDICA.....	20
2.3 A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E A OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES E DE LAZER	21
2.4 A ESCOLA A TEMPO INTEIRO.....	23
2.5 AS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR.....	25
2.6 O “TEMPO LIVRE” E DE LAZER E A SUA RELAÇÃO COM O CONTEXTO EDUCATIVO DAS CRIANÇAS.	27
2.7. EDUCAÇÃO PARA O LÚDICO E AS AEC	28
CAPITULO III - A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA.....	31
3.1 A QUESTÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	31
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	31
3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	31
3.3.1 CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO E DA ESCOLA EM ESTUDO.....	32
3.4 PÚBLICO- ALVO.....	35
3.5 METODOLOGIA.....	35
3.6 TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS	37
3.7 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS.....	39
3.8 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS	40
3.8.1 ANÁLISE DOCUMENTAL.....	40
3.8.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS	42
3.8.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS AOS TÉCNICOS DAS AEC	46
3.8.4 ANÁLISE DO “ FOCUS GROUP”	50

3.8.5. TRIANGULAÇÃO DOS DADOS RECOLHIDOS	55
CAPITULO IV - PLANO DE AÇÃO	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
BIBLIOGRAFIA.....	63
APÊNDICE I - Inquérito por questionário aos alunos	
APÊNDICE II - Guião de Entrevista aos Técnicos das AEC	
APÊNDICE III - Guião da Entrevista Coletiva - "Focus Group"	

INTRODUÇÃO

A implementação das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) conduziu a um significativo aumento do horário escolar, diminuindo substancialmente o tempo livre para brincar, jogar e desenvolver outras atividades da vontade das crianças.

Assistimos desta forma, à transformação dos momentos, que muitas crianças tinham para desfrutar de um abundante recreio escolar, num espaço onde a implementação das AEC aumentam a sua carga horária e enformam o seu crescimento com diversas limitações.

O tempo livre dos alunos, acaba assim, na maioria das vezes, por corresponder a mais atividades de trabalho e não de brincadeira e lazer.

As AEC podem correr o risco de se escolarizarem e de se afastarem de uma lógica de atividades lúdico-pedagógicas, em que a partir do jogo as crianças desenvolvem competências relacionais, culturais e sociais, assim como cognitivas.

Decorrente destas considerações, a questão que se coloca, é saber de que modo é que a escola pode organizar os tempos não letivos, de forma a contribuir para o desenvolvimento da vertente lúdica.

Definido o problema, a sua relevância e pertinência, traçamos os objetivos gerais e específicos configurando a investigação e construímos um quadro teórico e legal de sustentação a uma abordagem empírica. Este quadro é organizado em torno das linhas orientadoras resultantes dos caminhos indicados pela leitura.

Através do projeto de investigação apresentado, pretende-se a elaboração de um plano de ação que promova para o carácter lúdico das AEC, ou seja, que contribua para o desenvolvimento da vertente lúdica.

Assim, este trabalho está organizado em capítulos, onde cada um concretiza cada uma das etapas percorridas.

No capítulo 1 é abordado o problema visado pelo Projeto, a relevância e pertinência do mesmo, assim como, as razões que conduziram à sua escolha. Definem-se ainda, neste capítulo, os objetivos gerais e específicos do projeto.

No capítulo 2 apresenta-se um quadro teórico e legal de sustentação a uma abordagem empírica.

No capítulo 3 desenvolve-se o estudo empírico, apresentando-se o contexto onde o estudo vai ser realizado, a questão de partida e os objetivos específicos do estudo. Neste capítulo, é ainda descrita a opção metodológica, as técnicas de recolha de informação e técnicas de análise de dados utilizadas neste estudo.

No capítulo 4, apresenta-se um plano de ação, a ser aplicado na escola em estudo, decorrente da revisão bibliográfica e da análise dos dados recolhidos na investigação.

No final, tecem-se algumas considerações relativamente à implementação das AEC decorrente dos resultados do estudo.

CAPITULO I - O PROBLEMA VISADO PELO PROJETO

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

No 1º Ciclo, a implementação das atividades enriquecimento curricular (AEC) e do conceito de escola a tempo inteiro, introduzidos pelo despacho nº12591/2006 e despacho 14460/2008, conduziu a uma ocupação intensiva das crianças em atividades, não dando espaço ao lazer, à brincadeira e ao direito de aprenderem de uma forma apropriada. A vertente lúdica tão importante para o desenvolvimento intelectual, físico e emocional é excluída com o acréscimo de disciplinas, tornando o dia escolar muito longo para as crianças.

1.2 RELEVÂNCIA E PERTINÊNCIA DO PROBLEMA

A implementação da Escola a Tempo Inteiro, veio alterar significativamente a organização e funcionamento das escolas.

As escolas passaram a desempenhar um papel fundamental na ocupação integral do horário escolar dos seus alunos, bem como a ser responsáveis pela oferta de novas aprendizagens ao nível do desporto, expressões artísticas, aprendizagem de uma língua estrangeira e apoio ao estudo.

Contudo as AEC, suscitaram algumas dúvidas e ansiedades nos professores e encarregados de educação, que se confrontaram com questões relacionadas com a longa permanência dos alunos na escola, a pouca disponibilidade das crianças para as brincadeiras, em resultado de um horário escolar totalmente preenchido. Desta forma, as crianças estão privadas das oportunidades de descobrir e do direito de aprender de uma forma apropriada, ou seja, respeitando o seu ritmo de aprendizagem, o seu tempo de brincar, o incentivo à pesquisa e à descoberta e ao trabalho em cooperação.

Assim, em resultado da implementação das AEC, toda a comunidade educativa se viu confrontada com a suspensão das atividades de tempos livres, sem atividades programadas que possibilitavam que a criança escolhesse sobre o que fazer e como.

Esta autonomia revela-se importante para o desenvolvimento da criança, na medida em que “não basta aprender, é necessário compreender e saber usar o que se aprende, é preciso que cada criança desenvolva todas as suas capacidades e a sua

personalidade, aprendendo regras de convivência social que reforcem a sua autonomia” (ME,1998).

O Ministério de Educação reconhece ainda que

existem alguns inconvenientes, no facto de, na maioria das escolas, as ao currículo nacional. O efeito é alongar o currículo nuclear, através atividades de enriquecimento curricular desenvolverem-se em sala de aula e utilizar métodos de ensino dirigidos pelo professor, semelhantes do acréscimo de disciplinas, tornando o dia escolar muito longo para as crianças. (ME,2009)

Com a proposta de oferta formativa das AEC, a escola passa a assumir uma postura que pode excluir a vertente lúdica dos valores pedagógicos importantes para o desenvolvimento integral e global das crianças.

O relatório de autoavaliação do agrupamento da escola em estudo, aponta também, como aspetos a carecer de melhoria, a necessidade de o agrupamento avaliar os serviços prestados no âmbito da animação socioeducativa e de enriquecimento curricular, auscultando alunos, encarregados de educação, pessoal docente e não docente, animadores e autarquia.

Neste contexto, revela-se pertinente uma observação mais atenta destas atividades, analisando: o modo como estas atividades se desenvolvem, procurando saber a opinião das crianças, dos professores das atividades e dos professores titulares de turma.

Esta análise servirá de base para a realização de um plano de ação, de forma a contribuir para o desenvolvimento da vertente lúdica, respeitando o tempo de brincar, o incentivo à pesquisa e à descoberta e ao trabalho em cooperação.

1.3 RAZÃO DA ESCOLHA DO PROBLEMA

Como elemento da Direção do Agrupamento de Escolas, responsável pela organização e funcionamento do 1º Ciclo, entendemos que a concretização do programa Escola a Tempo Inteiro carece de reflexão, o que nos motivou para a escolha do problema. Acresce ainda o facto, de enquanto de Educadora de Infância, estarmos cientes da importância da vertente lúdica no desenvolvimento da criança.

Assim, o funcionamento das AEC e as questões relacionadas com a longa permanência dos alunos na escola, a ocupação intensiva em atividades, a pouca disponibilidade das crianças para as brincadeiras em resultado de um horário escolar totalmente preenchido, suscitaram preocupações e anseios que justificaram a escolha deste estudo.

O desejo de contribuir para uma melhor organização e funcionamento das AEC, que articule o seu funcionamento com a vertente criativa, expressiva e lúdica da aprendizagem, flexibilizando o espaço sala de aula e organização escolar, bem como

a relação professor / aluno, contribuindo para o desenvolvimento global das crianças, serviram, também, de motivação para a escolha deste problema.

1.4 OBJETIVOS GERAIS DO PROJETO

1.4.1 Objetivos relacionados com conhecimento da realidade

- Conhecer o modo estão organizadas as AEC;
- Conhecer o programa das AEC;
- Identificar o tipo de atividades realizadas;
- Avaliar o grau de envolvimento das crianças;
- Analisar as vantagens e desvantagens da implementação das AEC.

1.4.2 Objetivos relacionados com transformação da realidade

- Contribuir para o desenvolvimento da vertente criativa, expressiva e lúdica da aprendizagem;
- Promover o carácter lúdico nas AEC;
- Contribuir para a flexibilização do espaço sala de aula e organização escolar.

CAPITULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO LEGAL

Definido o problema, a sua relevância e pertinência, traçamos os objetivos gerais e configurámos a investigação, construindo um quadro teórico e legal de sustentação a uma abordagem empírica. Este quadro é organizado em torno das linhas orientadoras resultantes dos caminhos indicados pela leitura.

2.1 CONCEITO DE TEMPO LIVRE E LAZER

A luta pelo aumento de descanso e tempo livre de quem trabalha tem acompanhado a evolução da sociedade, passando a ser entendido um direito.

Historicamente, a luta pela redução do tempo total de trabalho e a redução do horário semanal de trabalho, foi uma das mais importantes lutas das sociedades industriais.

O tempo livre tem sido concebido como um tempo “ganho” ao trabalho, associado ao repouso, à recuperação física, ao divertimento, adquirindo progressivamente finalidades diversas de acordo com o desenvolvimento cultural e educativo na sociedade contemporânea.

Camargo (1989), defende que o lazer acontece durante o tempo livre que resta depois da jornada de trabalho e manifesta-se através de diversas atividades com exceção das profissionais e das domésticas, definindo o lazer como:

um conjunto de atividades gratuitas, prazenteiras, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. (p.19)

Segundo Dumazedier (1976), o lazer é a agregação de tarefas agradáveis que o indivíduo utiliza para descansar e para se divertir. São atividades de livre escolha e participação voluntária, libertas das sujeições e necessidades profissionais, mas onde se pode desenvolver conhecimento e formação não intencional. Este sociólogo define lazer como

um conjunto de ocupações às quais o individuo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”. (p.34)

Partilhando o mesmo conceito, o sociólogo Requixa (1980) pensa o lazer como um entretenimento voluntário e de escolha pessoal, que favorece o desenvolvimento

pessoal e social, assim como o trabalho e a família, definindo o lazer como “ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social.”(p.11)

O mesmo autor referiu que “a escola é hoje entendida como grande veículo para o desenvolvimento, e o lazer, um excelente e suave instrumento para impulsionar o indivíduo a desenvolver-se, a aperfeiçoar-se, a ampliar os seus interesses e a sua esfera de responsabilidades.” (p. 21) Para este autor (1980) o lazer deve ser visto sob um ponto de vista de duplo aspeto educativo, ou seja: “O lazer como veículo de educação - Educação pelo lazer; O lazer como objeto de educação - Educação para o lazer” (p. 72). Para Requixa, a existência de uma relação entre educação e lazer não sugere qualquer incompatibilidade, defendendo a ponderação da utilidade das atividades de ocupações do tempo livre como instrumentos de lazer, colaboradores da educação.

A psicóloga Ethel Medeiros destaca o repouso, a diversão e o desenvolvimento pessoal como funções do lazer para o homem contemporâneo. Para Ethel (1975) o lazer é “o espaço de tempo não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida”. (p.3)

Marcellino (1983) refere a existência daqueles que encaram o lazer como uma atitude ou forma de vida e onde até o trabalho pode ser considerado lazer, existindo outros que pensam o lazer como associado ao tempo livre das obrigações sociais e do trabalho. Nesta incerteza, o lazer surge como uma escolha pessoal na forma de descanso que pode proporcionar ao indivíduo possibilidades de desenvolvimento da sua personalidade e das suas relações sociais em atividades que abarcam os mais variados interesses.

Araújo (2009) explica de uma forma bastante interessante a noção de “tempo livre” incluindo na definição de tempo livre o conceito de liberdade: “o tempo livre será quando escolhermos fazer ou não o que queremos, e não aquilo que os outros nos impõem ou sugerem”. (p.26)

Nesta perspetiva, o tempo em que somos condicionados e obrigados a fazer coisas que não derivam apenas da nossa livre vontade, não pode ser considerado tempo livre. Refere ainda que “podemos ter tempo livremente ocupado e podemos ter tempo de inatividade forçada, isto é, pode haver tempo livre ocupado ou desocupado e tempo não livre por forçada ocupação ou forçada desocupação”. (p.26)

O tempo que os alunos têm livre, ou seja, o tempo que lhes sobra das atividades diárias onde entra a escola, o tempo que medeia a escola e a chegada a casa, os intervalos das aulas e o tempo dos feriados e do fim-de semana, poderá ser

ocupado com atividades realmente livres ou atividades formativas programadas pelos adultos.

Araújo (2009) compara, as horas despendidas pelos alunos do Ensino Básico no seu “ofício de aluno” com o número de horas que os adultos têm no seu trabalho diário. Ou seja, as crianças trabalham tanto nas suas atividades quanto um trabalhador adulto. Os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico trabalham cinco horas na sala de aula (25 horas semanais), e depois têm uma hora e meia de atividades integradas nas AEC (90 minutos) e ainda os TPC's. Um adulto trabalha cerca de sete horas e meia por dia (de 37,5 a 40 horas semanais).

A mesma autora refere que: “o lazer, e o tempo livre que o sustenta, constitui um dado cultural fundamental, e é observando a expansão das práticas de lazer que se desenvolve a noção de tempo livre como fator capital e decisivo para compreender as mutações e o sentido da mudança social nas sociedades industriais”. (Araújo, 2009, p. 28)

2.2 A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE LÚDICA

Podendo ser associada ao trabalho educativo tanto quanto aos tempos livres, a ludicidade surge-nos como um tópico interessante do ponto de vista do objeto desta investigação. Através das atividades lúdicas desenvolvemos várias capacidades exploramos e refletimos sobre a realidade, a cultura na qual vivemos. Nas atividades lúdicas ultrapassamos a realidade transformando-a através da imaginação. A incorporação de brincadeiras, jogos e brinquedos na prática pedagógica podem contribuir para inúmeras aprendizagens e para a ampliação de redes de significados das crianças e jovens.

O reconhecimento do valor formativo da brincadeira é também um dos importantes fatores potencializadores da Pedagogia do Tempo Livre.

A produção científica sobre o valor formativo da atividade lúdica levou a uma profunda reflexão pedagógica sobre o Tempo Livre, uma vez que a brincadeira não é a única atividade de ócio, mas é, sem dúvida, uma das mais paradigmáticas. No âmbito da psicologia encontram-se essas reflexões em K. Gross, que explica a brincadeira como atividade preparatória para a vida adulta; W. Stern; H. Spencer; S. Hall, E. Claparède; F. Buytendijk, J. Piaget; J. Chateau; D. B. Elkonin; todos destacando o papel da brincadeira no processo desenvolvimento da criança.

O reconhecimento da importância das atividades lúdicas no cotidiano, como as brincadeiras através de brinquedos ou jogos, reforça a ideia agradável que o indivíduo pode usufruir nos seus momentos de lazer.

Winnicott, citado por Marcellino destaca a brincadeira com base para a participação cultural e a riqueza da experiência do brincar no desenvolvimento criativo e formação dos indivíduos “ É no brincar e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar a sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self).” (p.48)

Antunes (2004) reconhece também o papel fundamental que a atividade lúdica tem na estruturação do psiquismo da criança ao referindo que é no ato de brincar que a criança utiliza elementos da fantasia e a realidade e começa a distinguir o real do imaginário. E através da ludicidade que ela desenvolve não só a imaginação, mas também fundamenta afetos, elabora conflitos e ansiedade, explora habilidades e a medida que assume múltiplos papéis, fecunda competência cognitivas e interativas.

Vygotsky (1991), diz que é pelo brincar que a criança reorganiza suas experiências e refere também que as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo. Podemos assim deduzir que o lúdico em situações educacionais proporciona um meio real de aprendizagem.

Segundo Martin e Mason (1987) a educação para o lazer deve compreender diversas estruturas educativas, exercendo a instituição escolar, responsável pela educação formal, uma função preponderante neste assunto.

2.3 A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E A OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES E DE LAZER

A Declaração Universal dos Direitos da Criança, refere no Princípio VII o Direito á educação gratuita e ao lazer infantil: “A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito.”

Historicamente, a aplicação de leis de proteção das crianças em relação à exploração de mão-de-obra para trabalho infantil fez evoluir a condição social do estatuto das crianças e jovens. Com o fim da primeira grande Guerra Mundial a atenção dirigiu-se para as novas gerações surgindo a problemática da importância da educação escolar e da ocupação dos tempos livres.

Desde então a escola, para além dos conteúdos escolares, começou progressivamente a valorizar a importância daquilo que se aprende e acontece fora da sala de aula com as atividades vulgarmente chamadas extracurriculares e de

ocupação dos tempos livres dos seus alunos. Assim, algumas atividades que eram desenvolvidas no âmbito da responsabilidade privada da família, em grande parte foram apropriadas pela escola e organizadas por esta.

Quando as crianças ingressam na escola, têm de se adaptar a uma nova realidade onde existem regras que orientam todas as atividades de ocupação do seu tempo. A realidade de um dia inteiro de escola foi bem diferente num passado ainda recente onde o aluno passava meio-dia em aulas e outro meio-dia livre. Para além do tempo ocupado pela escola, o aluno tinha a possibilidade de desfrutar de tempos livres, encarado como um tempo de ócio e lazer.

A atividade de uma escola desenvolve-se principalmente em torno de conteúdos estruturados e pré-determinados, agrupando-se estes conteúdos em programas disciplinares ou unidades didáticas lecionados por um grupo de professores de acordo com a sua formação. Segundo a Lei de Bases do Sistema de Educativo (1986), estes conteúdos devem ser completados com atividades de complemento curricular ou também por atividades “extracurriculares” de forma a ocuparem os tempos livres das crianças, existindo assim a necessidade de assegurar que os objetivos destas atividades e os seus conteúdos estejam relacionados com os objetivos da escola e por sua vez adequadamente coordenados entre si.

A Lei de Bases do Sistema Educativo (art.º 48) considera fundamental para uma “formação integral e a realização pessoal dos educandos” a ocupação dos tempos livres com atividades de “utilização criativa e formativa”. Neste contexto refere-se a atividades de complemento curricular como enriquecedoras de componentes culturais, cívicas, desportivas, artísticas e de inserção na comunidade podendo cada escola ou grupo de escolas apresentar a iniciativa de as fomentar. Realça ainda a importância de as crianças e jovens serem envolvidas “na sua organização, desenvolvimento e avaliação”.

O decreto-lei n.º 286/89 vem definir a reestruturação dos planos curriculares para o Ensino Básico. Este diploma veio concretizar os princípios enunciados pela Lei de Bases e com este decreto-lei foram distinguidas diferentes áreas, como uma área curricular disciplinar e não disciplinar (art.º 6) e uma área de complemento curricular (art.º 8). A posterior regulamentação do decreto-lei n.º 286/89 pelo documento anexo ao despacho n.º 141/ME/90, sobre o Modelo de Apoio à Organização das Atividades de Complemento Curricular, possibilitou a distinção destas em relação às anteriores atividades “extracurriculares” tendo assim refletido as recentes conceções do desenvolvimento curricular previstas na reforma educativa de 1989.

Assim as instituições escolares passaram a organizar atividades de complemento curricular onde foi enquadrado o desporto escolar acessível a todos os

alunos. Na definição dos planos curriculares dos Ensinos Básicos e Secundário pelo decreto-lei n.º 286/89, apesar de serem referidas as atividades de complemento curricular na grelha curricular de todos os ciclos do ensino básico, esta não realça a importância para o 1º ciclo desta oferta de atividades.

Também no ano 2000 é publicado o terceiro parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) que tratou a Reorganização Curricular para o Ensino Básico. Este parecer apreciou a Proposta de Reorganização Curricular para o Ensino Básico considerando várias componentes, como referido no seu ponto oito, mas de particular interesse no âmbito deste trabalho, o referido na alínea g) que considera “as atividades de enriquecimento”.

A entrada deste novo século surge a necessidade das escolas organizarem e oferecerem atividades de enriquecimento curricular aos seus alunos. Em parte esta mudança de postura pela escola foi provocada por questões relacionadas com a política educativa nacional, implementada e orientada pela política governativa vigente com o Programa da Escola a Tempo Inteiro. Por outro lado a sensibilização e tomada de consciência para as questões da valorização da ocupação dos tempos livres e do papel que a escola ocupa na formação das futuras gerações como alicerce da sociedade e da formação das crianças que compõem a comunidade. Segundo Neto (1984) a escola preenche o espaço adequado onde são criadas situações organizadas para fomentarem o regular desenvolvimento infantil através de aprendizagens consideradas essenciais.

As recentes alterações das políticas educativas, que preconizam reestruturações a nível dos currículos e dos tempos escolares, correspondem, na prática, a uma modificação dos horários escolares e, conseqüentemente, a alterações da gestão dos tempos individuais dos alunos.

2.4 A ESCOLA A TEMPO INTEIRO

Nas últimas décadas a sociedade tem sido palco de várias mudanças, que refletem o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais globalizada. Estas mudanças que abrangem os variados domínios de atividade humana como as ciências, as artes, as tecnologias vieram aluir muitos dos conceitos e valores de referência, pondo em causa os seus princípios. Este desenvolvimento emergente da sociedade gerou novas necessidades e impôs também novos desafios à instituição escolar.

A escola atual está colocada perante o desafio de responder às novas necessidades. Uma dessas novas necessidades, a qual a escola precisou responder, foi a de ocupar por mais horas as crianças na escola e alargar a sua oferta pedagógica, uma vez que, atualmente, grande parte dos pais trabalha a tempo inteiro. Pocinho e Campelo (2009) concluem no estudo realizado sobre a otimização dos tempos livres das crianças portuguesas que: “Ao mesmo tempo que as mudanças aconteciam na sociedade, a escola foi se transformando numa instituição que ocupa um tempo prolongado e um espaço relevante da vida das crianças”. (p.34)

Diante deste desafio, começaram a surgir em Portugal, a nível local, um conjunto disperso de iniciativas, propiciando atividades de natureza “extracurricular” aos alunos do 1º Ciclo. Estas iniciativas não contemplavam, contudo, toda a população, uma vez que muitas famílias não tinham condições financeiras de propiciar ofertas de qualidade para ocupar o tempo livre de seus filhos.

Diante desta conjuntura nasce, em 2006, um novo projeto curricular para o 1º Ciclo, as AEC, que diferentemente das “ofertas” anteriores possuem uma vertente social, na medida que faz concretizar uma ideia de acesso a todos e procuram:

garantir no espaço da escola, a todos os alunos, de forma gratuita, a oferta de um conjunto de aprendizagens enriquecedoras do currículo e das aprendizagens, ao mesmo tempo que se concretiza a prioridade enunciada pelo governo de promover a articulação entre o funcionamento da escola e o fornecimento de respostas úteis no domínio do apoio às famílias.” (CAP, 2007)

As escolas do 1º Ciclo costumavam funcionar em regime de desdobramento de turnos com aproveitamento do mesmo recurso físico do espaço de sala de aulas por turmas diferentes. Evocando as mudanças na sociedade atual, nomeadamente o trabalho fora de casa de ambos os membros do casal e uma menor disponibilidade no acompanhamento dos filhos, o Ministério da Educação alterou este regime de funcionamento nas escolas. Estas mudanças exigiam da escola uma cobertura de horário a tempo inteiro e a oferta a todos os alunos de novas oportunidades de aprendizagem.

A proposta do alargamento do horário dos estabelecimentos de ensino do 1º ciclo, que vai das 9h00 até às 17h30, veio implicar uma alteração da conceção de que o espaço e tempo escolar não se podem reduzir ao horário com o docente titular de turma.

Chama-se a este alargamento do horário da escola “escola a tempo inteiro” que “sem prejuízo da normal duração semanal e diária das atividades educativas na educação pré-escolar e curriculares no 1º ciclo do ensino básico, os respetivos estabelecimentos manter-se-ão obrigatoriamente abertos pelo menos até às 17 horas 30 minutos e no mínimo oito horas diárias” (Despacho n.º 12 591/2006, ponto 5).

Este alargamento de horário do funcionamento da escola conduziu à necessidade de um reforço da autonomia da escola e a sua organização passou a requerer ligações e parcerias com as autarquias, com as associações de pais e com as diversas instituições existentes na comunidade, uma vez que antes as iniciativas de apoio às famílias nas atividades de tempos livres escolares eram já garantidas por essas entidades.

Com estas medidas, a escola passa a desempenhar novas funções, tanto ao nível de proporcionar oportunidades pedagógicas a todo o público escolar como ao nível de apoio à família, na medida em que procura “assegurar o acompanhamento dos alunos antes e ou depois das atividades curriculares e de enriquecimento, e ou durante os períodos de interrupção das atividades letivas”. (Despacho 14460/2008)

Constata-se assim a ocorrência de algumas mudanças organizacionais, já que às ações educativas, pelas quais os professores são responsáveis, juntaram-se novas atividades de carácter lúdico-pedagógico. Estas atividades enquadram-se no prolongamento ou alargamento do horário para oito horas diárias, no 1º ciclo de escolaridade, procurando dar resposta a uma necessidade premente dos pais que, na sua larga maioria, trabalham hoje a tempo inteiro.

Escola a Tempo Inteiro, surge assim, no formato de atividades de enriquecimento curricular, ampliando assim, a oferta escolar para oito horas diárias, em todas as escolas públicas do país, sustentando “a ideia de Escola a Tempo Inteiro (ETI), que, direta ou indiretamente, se relaciona com a ocupação educativa dos alunos, de forma plena, ao longo do tempo escolar e no espaço escolar.” (Pires, 2007, p 78).

2.5 AS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR

As AEC vieram substituir, nos estabelecimentos escolares, as atividades de tempos livres que se destinavam a proporcionar atividades de lazer às crianças.

Assim, em resultado da implementação das AEC e a determinação pela tutela de novos horários escolares para as atividades letivas e de enriquecimento curricular, toda a comunidade escolar foi confrontada com a suspensão das atividades de tempos livres, deixando de existir o espaço, sem atividades programadas, que possibilitavam que a criança escolhesse sobre o que fazer e como.

O próprio Ministério da Educação reconhece que com a implementação das AEC

existem alguns inconvenientes no facto de, na maioria das escolas, o enriquecimento curricular desenvolver-se em sala de aula e usar métodos de ensino dirigidos pelo professor, semelhantes aos do currículo nuclear. O efeito é o de alongar o currículo nuclear através do acréscimo de disciplinas suplementares, tornando o dia escolar muito longo para as crianças (ME, 2009).

As AEC incidem nos domínios: desportivo, artístico, científico, tecnológico e das tecnologias da informação e comunicação, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia da educação. Realizam-se nomeadamente, Atividades de Apoio ao Estudo, Ensino de Inglês, Ensino de outras línguas estrangeiras, Atividade Física e Desportiva, Ensino da Música, Expressões Artísticas e outras atividades que incidam nos domínios identificados.

As AEC são comparticipadas financeiramente pelo ME, de acordo com os montantes atribuídos a cada atividade por aluno. O Ministério da Educação elaborou ainda orientações programáticas para os profissionais destas atividades, procurando que estes se integrassem no seio da escola e compreendessem a finalidade destas atividades.

Com o Despacho nº.12591/2006, o Ministério da Educação definiu ainda o perfil dos profissionais a contratar, bem como o tempo de duração semanal e as normas para a constituição de turmas. A supervisão pedagógica das AEC é realizada pelos professores titulares de turma e incide sobre a programação das atividades, o desenvolvimento das atividades, a avaliação da sua realização, a dinamização das atividades de apoio ao estudo, através de reuniões com os respetivos professores. Procura-se também estabelecer a articulação destas atividades com as atividades do Plano Anual de Atividades.

Para assegurar estas atividades, os agrupamentos de escolas tiveram de proceder à definição de um plano de Atividades de Enriquecimento Curricular em parceria com outras entidades locais, nomeadamente Autarquias, Associações de Pais, instituições particulares de solidariedade social entre outras.

Os planos de atividades incluem, obrigatoriamente, o Inglês e o Apoio ao Estudo. Para além destas, o agrupamento de escolas, possui autonomia para escolher quais atividades serão disponibilizadas, dentro domínios citados. Porém, algumas opções têm sido mais comuns, são elas o Ensino da Música, a Atividade Física Desportiva e as Expressões Artísticas. (Abrantes, 2009)

Segundo Pires (2007), estas escolhas acabam por seguir “uma “lógica mercantil” que conduz

à escolha pelas autarquias (enquanto “entidades promotoras”) do “pacote” das três atividades que oferecem mais vantagens financeiras (Inglês – de oferta obrigatória; Ensino da Música e Atividade Física e

Desportiva) em detrimento de outras atividades, eventualmente menos acadêmicas e sem conotação conceptual e metodológica com áreas disciplinares do currículo. (p.79)

Neste sentido, para além desta “lógica mercantil”, a escolha de tais atividades favorece, também, uma certa escolarização das AEC.

As AEC podem correr o risco de se escolarizarem e de se afastarem de uma lógica de atividades lúdico-pedagógicas, em que a partir do jogo, as crianças desenvolvem competências relacionais, culturais e sociais, assim como cognitivas. Estas atividades devem permitir que as crianças possam desenvolver as suas potencialidades como pessoa, as suas atitudes e comportamentos, a sua iniciativa e criatividade, a sua capacidade de relacionamento e trabalho em grupo.

Segundo o Relatório da CONFAP (2007), é indispensável, na implementação das AEC, a aplicação de estratégias e metodologias diferentes das aplicadas em contexto de sala de aula, para assim, possibilitar aos alunos bem-estar e tranquilidade. Apesar disso, a escolarização das AEC aparece enquanto preocupação em grande parte dos estudos, uma vez que acaba por reduzir “a possibilidade de existência de autênticos “tempos livres”, como porções de tempo aberto a qualquer ocupação decidida pelo sujeito que desfruta do tempo.” (Pires, 2007, p. 78)

2.6 O “TEMPO LIVRE” E DE LAZER E A SUA RELAÇÃO COM O CONTEXTO EDUCATIVO DAS CRIANÇAS.

Nas últimas décadas, multiplicaram-se as ofertas de apoio ao tempo livre, da parte de instituições (salas de estudo, centros de atividades, etc) procurando ir de encontro às necessidades das famílias em ocupar as crianças depois do horário letivo.

De forma a promover uma maior adesão, as instituições programam estas atividades de ocupação do tempo livre das crianças, com uma intenção formativa e uma relação direta com a atividade escolar, uma vez que a atividade escolar tem uma aceitação e legitimidade em relação ao brincar, considerado atividade de menor importância. Neste sentido Neto (2003), refere que as mudanças na estrutura familiar, nestas últimas décadas, conduziram a uma necessidade de institucionalizar os tempos livres das crianças.

Também Araújo (2009), refere que atualmente tempo livre das crianças tem sido concebido como “um tempo destinado ao desenvolvimento de atividades formativas organizadas pelos adultos e com uma preocupação muito escolarizada,

desvalorizando-se o brincar espontâneo das crianças como forma de interação e construção de conhecimento.” (p.32).

O tempo livre dos alunos acaba assim, na maioria das vezes por corresponder a mais atividades de trabalho e não de brincadeira ou de lazer.

Esta autora questiona ainda “o uso do conceito de lazer no tempo livre quando se trata das atividades das crianças, pois não são de facto elas que decidem”. (p.28)

Como entendemos o tempo livre como um período despreocupado, sem os condicionalismos e dependências inerentes a atividades de carácter obrigatório, a diferença notória entre as atividades de trabalho e de tempo livre, relaciona-se com a possibilidade de determinarmos quais as atividades que pretendemos, ou não, realizar. Não é habitual o aluno, durante as suas atividades escolares, ter oportunidade de decidir sobre os objetivos do trabalho, porém necessita de realizar determinada atividade no sentido de desenvolver determinadas competências.

Contudo, devia poder ter esse poder de decisão em relação ao seu tempo livre. Na vida de qualquer criança existem momentos onde terá de efetuar ações que não lhe oferecem satisfação mas terá que ter vontade e esforçar-se, para em função de um objetivo educativo, efetuar uma atividade com utilidade. Quando esta atividade é efetuada com satisfação terá vivenciado um momento produtivo podendo o período de tempo despendido numa atividade agradável, onde a decisão é livre, revelar-se fecundo, mas o contrário poderá revelar-se estéril.

2.7. EDUCAÇÃO PARA O LÚDICO E AS AEC

O facto da educação básica ser obrigatória e o seu sujeito serem as crianças, obriga à definição do que é essencialmente relevante na educação. A forma como a escolaridade obrigatória é vivida pode determinar a forma como a criança vive as suas experiências pessoais e sociais mas também a forma como encara as aprendizagens ao longo da vida.

O desenvolvimento cognitivo da criança tem sido o objetivo educativo prioritário para a escola, num sistema essencialmente produtivo, na atual sociedade moderna. Sem tentar compreender a complexidade humana, a atual sociedade, orientada pelos seus interesses produtivos parece não entender outras oportunidades do desenvolvimento da criança para além daquela que é prioritária como educação formal imposta pelas instituições escolares (Foucault, 1976).

A atividade lúdica e o ensino aprendizagem têm constituído realidades opostas e dissociadas, apesar de psicólogos e educadores reconhecerem que a brincadeira

tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, e que a finalidade da educação é assegurar o equilíbrio desse desenvolvimento.

A separação do conhecimento em disciplinas para o 1º ciclo, que aconteceu pela aplicação do despacho nº 19 575/2006, vem dar prioridade ao desenvolvimento intelectual não contemplando uma proposta de formação ampla da criança e excluindo do processo de ensino/aprendizagem a vertente lúdica da criança.

Os interesses de uma sociedade produtiva muitas vezes não consideram os interesses das próprias crianças e por esse motivo a escola deve dar mais oportunidades de participação aos alunos. Neste relacionamento inseparável e recíproco que norteia este processo educativo numa relação complexa em muitas dimensões, outro caminho está a ser construído no processo educativo das crianças, que considera outras vertentes, entre estas, o carácter lúdico presente no processo de ensino e aprendizagem. Existe, contudo, a necessidade de identificar qual o papel fundamental exercido pelas atividades de enriquecimento curricular nos domínios das relações socializadoras e cognitivas nas crianças.

O quotidiano das crianças pode estar sobrecarregado devido essencialmente a dois tipos de atividades. Algumas crianças vêm o seu dia preenchido com questões do âmbito escolar, como aquelas que devido ao seu fraco rendimento escolar passam horas ocupadas em explicações para aprender aquilo que não foi possível em contexto de sala de aula; outras crianças, sem problemas escolares, têm o seu tempo preenchido com atividades extra escolares. Para Salgado (2007) a solução será oferecer às crianças atividades educativas, mas com uma pedagogia diferente das aprendizagens escolares pois deste modo as aprendizagens propostas terão de ser inseridas em atividades de lazer, sabendo que estas comportam, de forma integrada, as componentes do descanso, divertimento e desenvolvimento (Dumazdier, 1976).

Na opinião de Araújo (2009) as Atividades de Enriquecimento Curricular possibilitam o desenvolvimento das competências afetivas dos alunos. Segundo a autora, estas atividades, por decorrerem numa atmosfera mais informal, de maior proximidade com os alunos, permitem uma maior privacidade e promovem um ambiente mais lúdico e livre, propício à expressão e à manifestação de atitudes de satisfação e gosto pela escola. Todavia, estas competências só serão realmente concretizadas se as atividades forem desenvolvidas “com” os alunos e não apenas “para” os alunos, pois, segundo esta autora, as atividades desenvolvidas segundo os interesses das crianças dão espaço para que estas se sintam livres para se expressar e aprender. Ao contrário das atividades demasiado orientadas - e aqui estão incluídos também os TPC's - que provocam cansaço, quer físico quer psicológico, tal como elevados níveis de stress.

Holland e Andre (1987) e Marsh (1992) defenderam que a escola deve apoiar o desenvolvimento global dos alunos e os seguidores desta forma de perceber a escola sentiram-se compelidos a argumentar sobre a importância das atividades de complemento educativo como uma forma complementar ao meio tradicional de educar e formar.

No encontro internacional “Aprender em Tempo de Lazer: o Enriquecimento Curricular”, Salgado (2007) defendeu que as atividades de enriquecimento curricular dos alunos do 1º ciclo devem ser realizadas numa perspectiva lúdica e não como mais horas de aulas, com uma pedagogia próxima do brincar, atividade em que a criança aprende imensas coisas que tem por base a teoria do lazer: descansar, divertir e desenvolver. Como é referido neste encontro:

A criança deve aprender de forma lúdica. Não deve ser carregada com mais trabalhos escolares formais, mas ter uma aprendizagem através de atividades culturais. (...) Se a oferta de mais duas horas diárias de atividades educativas às crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico parece trazer potencialidades de enriquecimento educativo, não podemos esquecer que a criança, para se desenvolver, precisa de descansar e de brincar, não se devendo sobrecarregar o seu tempo de trabalho diário. Têm 25 horas de aulas por semana, mais dez horas de aulas de enriquecimento Atividades de Enriquecimento Curricular e mais trabalhos de casa. É um horário superior a um trabalhador da construção civil. (Salgado, 2007, como citado em jornal Público, 21.06.2007)

As AEC podem correr o risco de se escolarizarem e de se afastarem de uma lógica de atividades lúdico-pedagógicas, em que a partir do jogo, as crianças desenvolvem competências relacionais, culturais e sociais, assim como cognitivas. A escolarização destas atividades é contraproducente com a sua finalidade, na medida em que se pode “cair” no risco de com esta escolarização as AEC não se constituam como verdadeiras oportunidades educativas de desenvolvimento pessoal e social, assim como acentua a rutura entre os/as alunos/as e a escola.

A organização das AEC deve passar pela apologia de uma estratégia de desenvolvimento de competências pessoais e sociais da criança, fundamentais para a sua formação e para a integração na vida ativa, num contexto lúdico suportado pelas características do lazer. Partilhando e assumindo a ideia de Victor Melo (2007), o tempo de duas horas a mais, concebido pela proposta de Enriquecimento Curricular, algo que aparentemente parece pouco, pode, se bem encaminhado, ser transformando em espaço lúdico de “diversão educativa” (expressão criada por Lucília Salgado, 2007).

CAPITULO III - A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

3.1 A QUESTÃO DA INVESTIGAÇÃO

Como pode a escola organizar os tempos não letivos de forma a contribuir para o desenvolvimento da vertente lúdica?

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as metodologias privilegiadas no desenvolvimento das AEC;
- Conhecer a forma ocorre a planificação, execução e avaliação das AEC;
- Identificar os horários, os espaços e os equipamentos mobilizados, incluindo a forma como eles foram decididos e/ou conseguidos;
- Conhecer a perceção dos docentes e técnicos relativamente às AEC;
- Averiguar o interesse e participação dos alunos nas atividades desenvolvidas;

3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO

Pedroso é uma das vinte e quatro freguesias do concelho de Vila Nova de Gaia e a freguesia de maior extensão deste Concelho. Com uma área de cerca de 20 km² e uma população de 30000 habitantes, esta freguesia divide-se em 52 lugares e é servida por alguns dos principais eixos rodoviários do norte do país (EN1, AE1, IP1, IC1, Nó do Freixo).

Pedroso fica a 10Km da cidade do Porto e estende-se desde o Monte da Virgem até Gijó, fazendo fronteira com Vilar de Andorinho (a Norte), Avintes (a Nordeste), Olival (a Nascente), Seixezelo (a Sul), Grijó (a Sudoeste), Perosinho e Canelas (a Poente).

Nos últimos anos, tem-se assistido a um notável desenvolvimento urbano, comercial e industrial, em parte, devido às boas acessibilidades e situação geográfica de Pedroso.

Relativamente à distribuição da população ativa pelas atividades económicas, constata-se que o emprego se distribui preferencialmente pelas atividades relacionadas com a indústria, a construção e as obras públicas, o comércio, a

reparação de veículos automóveis, a restauração, os transportes e comunicações, a educação, a saúde e a ação social. Por outro lado, as atividades relacionadas com a agricultura, a produção animal e a silvicultura representam uma pequena percentagem do emprego.

A freguesia de Pedroso tem a sua centralidade na localidade dos Carvalhos. Este lugar representou sempre o principal centro dinamizador no território da freguesia de Pedroso, dispondo de comércio muito diversificado e ainda inúmeros serviços concentrados que servem toda a população do concelho de Vila Nova de Gaia: Notários, Bancos, Bombeiros, Farmácias, posto da GNR e o Centro de Saúde. Esta centralidade, deve-se, em parte, ao facto de este lugar ser atravessado por importantes vias de comunicação terrestre proporcionando um importante nó rodoviário que facilita as mais diversas ligações com toda a região circundante.

No que diz respeito à rede escolar do ensino público, na freguesia de Pedroso existem cinco Escolas Básicas com Jardim de Infância (EB1/JI de Alheiras, EB1/JI de Carvalhos, EB1/JI de Figueiredo, EB1/JI de Leirós, EB1/JI de S. Monte) três escolas Básicas do 1º Ciclo (EB1 de Mexedinho, EB1 de Pisão, EB1/JI de S. Monte), um Jardim de Infância, (JI de Cavadinhas) uma escola Básica de 2º e 3º Ciclo (EB23 Padre António Luís Moreira) e uma escola secundária (Secundária de Carvalhos). Todas estas escolas constituem o Agrupamento de Escolas de Carvalhos.

3.3.1 CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO E DA ESCOLA EM ESTUDO

O Agrupamento de Escolas de Carvalhos, constituído no presente ano letivo, resultou da agregação do Agrupamento de Escolas S. Pedro de Pedroso, já existente, e Escola Secundária de Carvalhos.

Este Agrupamento, com sede na Escola Secundária, tem cerca de dois mil e setecentos alunos e integra todos os estabelecimentos de ensino públicos da freguesia de Pedroso, desde a educação Pré-escolar, Ensino Básico até ao Ensino Secundário.

A escola EB1/JI de Carvalhos, com cinquenta alunos no Pré – Escolar e duzentos e trinta e um alunos no 1º Ciclo, é a maior escola do 1º Ciclo com Jardim de Infância deste Agrupamento e onde irá ser desenvolvido o presente estudo.

Este estabelecimento de ensino é constituído por dois edifícios designados Planos Centenários, com quatro salas de aula cada e um edifício construído em 2003 com duas salas de Jardim de Infância e uma biblioteca. Existe ainda outro edifício onde funciona a cantina com um refeitório com cerca de 100 lugares. Aquando da

implementação das AEC, a Câmara Municipal, entidade promotora, instalou no recreio exterior duas salas modulares para o desenvolvimento das atividades nas turmas que funcionam em horário duplo (horário da manhã / horário da tarde).

Relativamente ao espaço exterior, existe um recreio asfaltado com dimensões adequadas ao número de alunos, ladeado por muros e grades e que limitam a escola da estrada EN1 e das ruas circundantes. Não existe contudo, um recreio interior estando as crianças limitados a ocupar, em dias de chuva, um espaço com as dimensões pouco maiores de uma sala de aula que existe em cada um dos edifícios.

Devido à centralidade geográfica desta escola, existe uma grande procura na frequência, à qual a escola não responde em termos de oferta, uma vez que não dispõe de instalações para que todas as turmas funcionem em regime normal (9h/15h30). O facto de existirem só oito salas para dez turmas, faz com que quatro turmas funcionem em regime duplo, ou seja, duas turmas tem horário duplo manhã e outras duas têm horário duplo tarde. Existem, assim, três tipos de regimes de funcionamento nesta escola: normal, tarde e manhã.

Nesta escola, os alunos do 1ºCiclo estão distribuídos por dez turmas respetivamente: duas turmas do 1º ano, três do 2º ano, duas do 3º ano e três do 4º ano. O quadro seguinte ilustra a distribuição, constituição e regime de funcionamento das turmas.

Ilustração 1 - Distribuição dos alunos do 1º Ciclo

Turma	Número de alunos 1ºC					Total	AEC	Regime
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	NEE			
T1	26					26	25	Normal
T2		21			2	21	21	Normal
T3		26				26	26	Normal
T4		11	6		1	17	15	Tarde
T5			24			24	16	Manhã
T6			25			25	22	Normal
T7	18	2			1	20	18	Normal
T8				26		26	18	Manhã
T9				26	1	26	22	Tarde
T10			3	18	2	21	20	Normal
Totais	44	60	58	70	7	232	203	

Descritos os principais recursos físicos e a constituição do corpo docente da escola, refere-se de seguida os recursos humanos, o ambiente e clima da escola.

O corpo docente desta escola é constituído por onze professores do 1º Ciclo e duas Educadoras de Infância.

A coordenação da escola é exercida por uma das professoras do 1º Ciclo, com redução de quatro na componente letiva. Esta professora presta as vinte e uma horas da componente letiva em apoio educativo às crianças com dificuldades de aprendizagem. O apoio educativo é ainda assegurado por mais três professoras, prestando cada uma, cerca de seis horas semanais de apoio nesta escola. Exerce ainda funções nesta escola, uma professora especializada que presta apoio às crianças com necessidades educativas especiais.

De registar que todos os docentes são do sexo feminino e a grande maioria já exerce funções nesta escola há vários anos, pertencendo ao quadro do Agrupamento.

Nesta escola, as AEC são desenvolvidas por nove técnicos contratados pela Câmara, respetivamente: dois técnicos no ensino da Música, dois em Inglês, dois em Artes e dois em Atividade Física e Desportiva. A maioria destes técnicos possui habilitação com qualificação profissional para o exercício de funções docentes na área da atividade que estão a desenvolver. De referir ainda que cada técnico tem em média um horário de dezasseis horas de trabalho no Agrupamento.

O restante pessoal não docente que exerce funções nesta escola é constituído por nove trabalhadores, respetivamente: duas assistentes operacionais de carreira, uma no 1º Ciclo, e uma no Pré-Escolar; quatro funcionárias com contratos de emprego e inserção que exercem funções como assistentes operacionais; um funcionário colocado através da Associação de Pais que exerce funções como porteiro; uma assistente técnica e uma funcionária com contrato de emprego e inserção, colocadas pela Autarquia que asseguram o desenvolvimento do complemento de apoio à família no Pré-Escolar.

Relativamente ao clima e ambiente da escola, podemos referir que existe um bom ambiente, caracterizado por um bom relacionamento interpessoal entre todos os docentes e a comunidade educativa. Os professores desenvolvem um trabalho colaborativo, de partilha e interajuda. Existe também um bom relacionamento entre os professores titulares de turma e os técnicos das AEC. Estes factos são percecionados através da leitura das atas de Conselho de Docentes, de vários relatórios de atividades realizadas e análise do PAA. Constata-se nestes documentos, que escola participa em vários projetos e desenvolve várias atividades em equipa, onde todos colaboram. O bom relacionamento da escola com a Associação de Pais, pais e restante comunidade educativa, contribuem também para um bom clima da escola.

3.4 PÚBLICO- ALVO

Esta investigação situar-se-á no trabalho desenvolvido pela escola EB1/JI de Carvalhos, nomeadamente na organização das atividades, nas relações e grau de envolvimento dos diversos atores educativos, nos benefícios e inconvenientes da implementação das AEC.

Neste sentido, foram inquiridos os alunos do 4º ano de escolaridade, através de inquérito por questionário, os técnicos das AEC através de entrevistas semiestruturadas e os professores titulares de turma da escola.

3.5 METODOLOGIA

O primeiro passo numa investigação surge quando se procura a resposta a uma pergunta, dificuldade ou problema.
Almeida & Freire (1997, p.38)

A metodologia de qualquer investigação deve ser decidida com apoio nas questões que se tencionam investigar, na medida em que são estas que estabelecem a metodologia a seguir.

A utilização rigorosa de critérios metodológicos é essencial para assegurar a legitimidade e fidelidade dos dados recolhidos.

Não se pretende, na investigação a desenvolver, obter somente informações acerca da temática das atividades de enriquecimento curricular, mas no processo da obtenção de resultados, entender, interpretar e refletir sobre os mesmos. Desta forma justifica-se a opção por uma linha de investigação de cariz qualitativo.

A abordagem qualitativa permite demonstrar a relação que existe entre conceitos, as descrições, as explicações e os significados dados pelos participantes e investigador relativamente ao fenómeno.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994)

a metodologia qualitativa é uma investigação que agrupa diversas estratégias que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, a locais e a conversas. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo outrossim, formulados com o objetivo de investigar fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. (p 16)

O principal responsável, no caso das abordagens de cariz qualitativo, é o investigador pois nele recai a responsabilidade de escolher os procedimentos mais apropriados para a recolha das informações consideradas importantes para os objetivos da investigação.

O investigador deve traçar o caminho e a metodologia a seguir, tentando evitar o afastamento do objetivo principal. Como mencionou Lessard-Hebert (1994) “a validade interna de um trabalho é reforçada quando o investigador tem a preocupação de descrever a sua metodologia, a fundamentação das escolhas, a explicitação das suas fontes e dos métodos utilizados”.(p.77-78)

A investigação qualitativa utiliza fundamentalmente o método indutivo, ou seja, o investigador não parte de modelos e teorias prévias com a intenção de as verificar através dos dados, mas são os dados que proporcionam a emergência de conceitos e teorias.

Numa investigação de cariz qualitativo, sendo o investigador o “instrumento” para a recolha de dados, depende da sua integridade, conhecimento e sensibilidade a qualidade desses dados (validade e fiabilidade). Neste entendimento, o conceito de validade deve ser sinónimo de rigor qualquer que seja a abordagem - quantitativa ou qualitativa. A validade relaciona-se com a exatidão dos resultados obtidos em relação ao modelo de estudo geral que impõe a fundamentação dos conceitos fundamentais, assim como a determinação da recolha dos dados, dos instrumentos de recolha dos dados e da interpretação e análise dos dados recolhidos.

Assim, para obtermos uma ampla perspetiva da opinião das crianças sobre as atividades de enriquecimento curricular, procura-se obter informações de diversas procedências com procedimentos adequados, de maneira a garantir as fundamentais fidelidade e validade. Apesar de serem seguidos critérios metodológicos adequados e de se procurar considerar vários indícios, é adequado realçar que as análises de cariz qualitativo estão embebidas de alguma subjetividade que é necessário ter em consideração.

A fiabilidade dos dados e das conclusões é assegurada pela triangulação, que consiste na utilização de vários métodos.

Assim a metodologia que irá ser empregue neste estudo será qualitativa e do tipo estudo de caso.

O estudo de caso é um exemplo de pesquisa qualitativa que contribui em muitas situações para a compreensão dos factos sociais mais ou menos complexos, de acordo com os seguintes propósitos: explorar, explicar e descrever, seguindo Bogdan e Bilken (1994) que sublinharam a importância do enfoque na análise dos processos em vez dos resultados.

A opção por o estudo de caso, justifica-se ainda, porque o “como” e/ou o “porque” são as principais questões colocadas (Ying, 1994), e a origem dos acontecimentos insere-se na vida real.

O estudo de caso é uma forma de pesquisa que estuda algo restrito de forma aprofundada, com um carácter descritivo. Um estudo de caso, para além de conter um carácter descritivo, pode ainda adquirir uma capacidade de análise de forma a inquirir as situações e comparar com outras já exploradas (Ponte,2006). O propósito do estudo de caso, é principalmente, descrever o caso sendo por isso descritivo, mas também analítico na problematização do assunto e na possibilidade que oferece para a construção de novas teorias em confronto com as anteriores.

3.6 TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

No estudo de caso, o procedimento de recolha de dados recorre a diversas técnicas inerentes à investigação qualitativa, designadamente a análise documental, o inquérito por questionário e o inquérito por entrevista.

A aplicação de distintos instrumentos estabelece um modo de obtenção de dados de diversos tipos, os quais possibilitam o cruzamento de informação. Assim, serão utilizadas diferentes fontes de informação, ou dados, que possibilitem a garantia de diferentes perspectivas dos vários intervenientes na investigação, bem como conseguir diferentes dimensões do mesmo acontecimento, assegurando desta forma condições, durante a respetiva fase de análise, para a triangulação de dados (Denzin, 1970). Segundo Yin (1994), a utilização de diversas origens de dados na estruturação de um estudo de caso, permite apreciar um conjunto mais variado de pontos de análise e ao mesmo tempo permite consolidar o mesmo acontecimento.

A recolha de dados deriva da ação do investigador enquanto “sujeito instrumento” da própria investigação e dos métodos utilizados (como os inquéritos, as entrevistas, a análise de conteúdo, etc.). Este paradigma pode apresentar, assim, problemas relacionados com a possível dispersão, ausência ou falta de objetividade que está correlacionada com a experiência, as crenças e os interesses do investigador.

Para este trabalho de investigação foi adotada como técnica de recolha de dados a consulta documental, a utilização de inquéritos, sobre a forma de questionários (alunos do 4º Ano), de entrevistas individuais semiestruturadas (animadores das AEC) e uma entrevista coletiva aos docentes titulares de turma (“focus group”).

A consulta documental irá permitir uma melhor compreensão do contexto das atividades de enriquecimento curricular, através da consulta e análise de documentos da escola (Regulamento Interno, o Projeto Educativo, o Projeto Curricular de Escola,

atas do conselho de docentes e Plano Anual de Atividades), assim como de legislação (Decretos-Lei, Despachos e Circulares) porque estes documentos escritos são normalmente utilizados como complemento para a preparação de outros.

Opta-se neste estudo pela utilização de questionários, pois apesar dos questionários constituírem procedimentos frequentemente utilizados em abordagens quantitativas, como afirma Bell (2004), um estudo que recorre a questionários pode também possuir características qualitativas. Existe até, quem defenda que um trabalho qualitativo é precedido de um trabalho quantitativo. O questionário justifica-se como forma de recolha de dados na medida em que, e de acordo com Bell (2004), os questionários constituem uma forma rápida de recolher um determinado tipo de informação. A intenção da produção, entrega e recolha dos questionários liga-se com a possibilidade da análise dos dados obtidos pois, pretende-se conferir a opinião das crianças sobre as atividades de enriquecimento curricular e a sua implementação na escola.

Neste estudo, propõe-se também o recurso a entrevistas semiestruturadas aos professores das AEC.

As entrevistas revelam-se muito importantes na aquisição de dados de cariz qualitativo, complementares aos conseguidos através dos questionários, porque segundo Quivy e Campenhoudt (2003) ao querer-se fazer “a análise de um problema específico” pretende-se chegar ao “sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêm confrontados”. (p.193).

Na terminologia de Bell (2004) a entrevista semiestruturada é uma “entrevista guiada ou focalizada”, (p.141) com uma síntese de temas indispensáveis para serem esclarecidos e que estão determinados num guião orientador que pode ser sujeito a alterações.

A aplicação de entrevistas é bastante importante para o estudo de caso, pois entre as informações delas obtidas o investigador pode compreender a forma como os entrevistados avaliam as suas experiências já que, segundo Bogdan e Biklen (1994), ela “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”. (p.134) As entrevistas têm como utilidade principal desvendar alguns aspetos da temática estudada, em que o investigador não teria naturalmente previsto sozinho e, deste modo, completar os caminhos de trabalho sugeridos pelo estudo teórico realizado (Quivy & Campenhoudt, 2003) ou pelo levantamento de dados realizado.

Utiliza-se ainda, como técnica de recolha de dados, neste trabalho de investigação, o uso do grupo focal (Focus Group). Esta técnica surge como uma

estratégia para a promoção e organização de entrevistas coletivas e constituiu-se como um dispositivo de mediação no âmbito de um processo de pesquisa. Permite a contextualização e aprofundamento de uma determinada problemática que, neste caso, incide sobre AEC e a ocupação do tempo livre das crianças. O Focus Group potencia ainda a organização de espaços e momentos de comunicação e de reflexão participada, permitindo a escuta das pessoas e a partilha de opiniões.

A composição do Focus Group organizou-se em foco de uma identidade comum: todos os professores titulares de turma da escola em estudo.

Esta técnica estrutura-se a partir de um conjunto de tópicos de discussão já pré-determinados. Isto é, o moderador lança um tema para discussão, colocando algumas questões ao grupo, que, por sua vez, discute e reflete sobre as respostas produzidas pelo conjunto. O moderador é, também, o facilitador da sessão, regulando o debate e animando o grupo a interagir.

3.7 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

Na análise de dados deste estudo, propõe-se como técnicas, a análise documental, relativamente aos documentos consultados, a análise de conteúdo relativamente às entrevistas individuais e coletivas, e recorre-se à análise estatística relativamente aos inquéritos por questionários.

A análise de conteúdo pode ser aplicado em vários contextos e trata-se de uma técnica para analisar a narrativa, conteúdos expressos pelos indivíduos quando descrevem as suas experiências. Proporciona a utilização de um método exploratório para analisar material não estruturado, em contextos sensíveis, e permite lidar com uma larga quantidade de informação.

Assim recorre-se à análise de conteúdo para poder interpretar o conteúdo das entrevistas e retirar os elementos significativos e pertinentes de modo a serem atingidos os objetivos da investigação.

3.8 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS

3.8.1 ANÁLISE DOCUMENTAL

Na análise documental, centrámo-nos, sobretudo, na análise dos documentos, através dos quais, por um lado, se planifica e gere as atividades de enriquecimento curricular (projeto educativo, projeto curricular, plano de atividades, regulamento interno) e, por outro lado, se desenvolve a prática pedagógica quotidiana (projeto curricular de turma, planos das atividades, atas e relatórios).

No Projeto Educativo do Agrupamento da escola em estudo, constam como oferta educativa para todos os anos de escolaridade do 1º Ciclo cinco atividades de enriquecimento curricular: duas de carácter obrigatório, o Inglês e Apoio ao Estudo, duas de carácter artístico, Ensino da Música e Artes Plásticas e outra desportiva, Atividade Física e Desportiva.

Constata-se assim, que todos os anos de escolaridade têm as mesmas atividades e com mesma carga horária semanal: noventa minutos de Artes Plásticas, noventa minutos de Ensino da Música, 90m de Inglês, 90 m de Atividade Física Desportiva e 90 m de Apoio ao Estudo.

A escolha destas atividades é feita pelo Agrupamento em parceria com a Autarquia, entidade promotora. O Conselho Pedagógico aprova a oferta educativa e a distribuição da carga horária. Os horários das atividades são feitos pelo Agrupamento, tendo em conta os de recursos humanos disponibilizados pela Autarquia.

A maioria das escolas do Agrupamento funcionam em regime normal, ou seja a atividade letiva é das nove horas às quinze e trinta. Neste regime, as atividades realizam-se na generalidade depois da componente letiva da tarde, flexibilizando uma hora, uma vez por semana a componente letiva. Ou seja, uma vez por semana a turma tem uma AEC no período da manhã. Nas escolas que funcionam com regimes duplos, como é o caso de algumas turmas da escola em estudo, as AEC funcionam em “contra – horário”.

A opção de flexibilizar o horário letivo, uma vez por semana, em todas as turmas, decorre da necessidade de assegurar um horário maior aos professores das AEC e conseqüentemente ser menor o número de professores destas atividades no Agrupamento. Este facto traz vantagens para o funcionamento das AEC, pois por um lado permite a fixação destes professores à escola e por outro lado permite uma melhor articulação com os professores titulares de turma e com os departamentos.

As atividades funcionam, na maioria, em tempos de 45 minutos exceto a atividade de Artes que funciona em blocos de 90 minutos.

Os exemplos seguintes ilustram os horários de três turmas de três regimes de funcionamento.

Ilustração 2 - Horário da turma T6

Tempos		2F	Sala	3F	Sala	4F	Sala	5F	Sala	6F	Sala
08:00	09:00										
09:00	10:00	Port.		Mat.		AFD		Port.		Port.	
10:00	11:00	Port.		Mat.		Port.		Port.		Mat.	
11:00	12:00	EM		Exp.		Port.		EC		EM	
12:00	13:00										
13:30	14:30	EM		Port.		Mat.		Mat.		EA	
14:30	15:30	Mat.		EM		Mat.		AP		Exp.	
15:30	16:30	A		I		EM		AE		AFD	
16:30	17:30	A		AE		MUS		MUS		I	
17:30	18:30										
18:30	19:30										

Ilustração 3 - Horário da turma T 4

Tempos		2F	Sala	3F	Sala	4F	Sala	5F	Sala	6F	Sala
08:00	09:00										
09:00	10:00										
10:00	10:45	AFD		MUS		AE		A		MUS	
11:00	11:45	AE		I		AFD		A		I	
12:00	13:00										
13:30	14:30	Port.		Mat.		Port.		Mat.		Port.	
14:30	15:30	Port.		EM		Mat.		Mat.		EM	
15:30	16:30	EM		Port.		Mat.		Port.		Mat.	
16:30	17:30	Mat.		Port.		EM		Port.		Exp.	
17:30	18:30	EC		EA		AP		EM		Exp.	
18:15	18:30										

Ilustração 4 - Horário da turma T 8

Tempos lectivos		2F	Sala	3F	Sala	4F	Sala	5F	Sala	6F	Sala
08:00	09:00	Port.		Mat.		Port.		Mat.		Port.	
09:00	10:00	Port.		Mat.		Port.		Mat.		Port.	
10:00	11:00	Exp.		EC		Exp.		EA		AP	
11:00	12:00	EM		Port.		EM		EM		Mat.	
12:00	13:00	Mat.		EM		Mat.		Port.		EM	
14:00	14:45	I		AE		A		I		AE	
14:45	15:30	MUS		AFD		A		MUS		AFD	
15:30	16:30										
16:30	17:30										
17:30	18:30										
18:30	19:30										

As normas de funcionamento das AEC, nomeadamente o regime de faltas, estão também previstas no Regulamento Interno do Agrupamento.

De acordo com o Regulamento Interno, no final do ano letivo, os Encarregados de Educação inscrevem os seus educandos, para o ano letivo seguinte, no “pacote” das atividades de enriquecimento curricular que o Agrupamento oferece. Apesar de serem facultativas estas atividades são de frequência obrigatória para os alunos cujos encarregados de educação fizeram a inscrição. Verifica-se que, nas turmas que funcionam em regime normal, a frequência dos alunos nas AEC é quase total, enquanto nas turmas que funcionam em regime duplo alguns alunos não estão inscritos.

A Autarquia, enquanto entidade promotora, responsabiliza-se pelo recrutamento dos recursos humanos e pela disponibilização dos espaços destinados a estas atividades. A seleção e contratação dos técnicos das AEC são da competência da Autarquia, com a exceção da atividade de Apoio ao Estudo, que é desenvolvida pelos professores titulares da turma.

Relativamente aos espaços onde se desenvolvem as AEC, constata-se que, estas são desenvolvidas nas escolas, utilizando maioritariamente as salas de aulas.

Na escola em estudo, para além das salas de aula, a Autarquia instalou duas salas modulares para o funcionamento das AEC das turmas que funcionam em regime duplo.

A supervisão pedagógica das atividades está a cargo dos professores titulares de turma, e é feita através de contatos informais e reuniões. Esta supervisão incide sobre a programação das atividades o seu acompanhamento e avaliação. Como referem algumas atas do Conselho de Docentes consultadas, estes profissionais são convidados a participar em reuniões do Conselho do Docentes, onde é feita a avaliação do funcionamento destas atividades e onde são programadas atividades do Plano Anual de Atividades da escola. Os técnicos das AEC elaboraram ainda um relatório sobre o desenvolvimento das atividades e um registo individual de avaliação dos alunos, onde avaliam as competências, os comportamentos, as atitudes e a assiduidade dos alunos.

3.8.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS

Foram distribuídos setenta questionários aos alunos do 4^o Ano de escolaridade. Responderam um total de sessenta e sete alunos às questões que constam do apêndice I.

Para tratamento e análise de dados dos inquéritos por questionário recorremos ao programa informático Excel.

As respostas ao questionário são apresentadas nos quadros seguintes:

Questão – O que gostarias mais de fazer depois de terminar as aulas?

Em resposta a esta questão a maioria dos alunos revelou preferência por “brincar com os colegas” e “ir para casa” como se evidencia na tabela seguinte:

Tabela 1 Preferências dos alunos

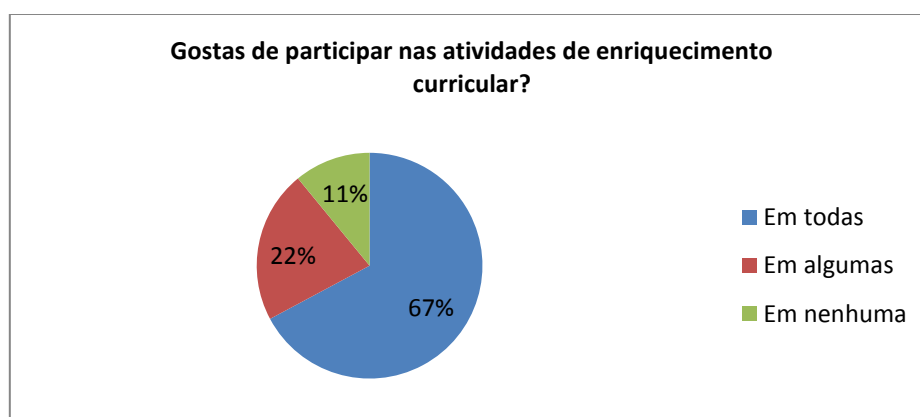
Opção	Nº de respostas	%
Brincar com os colegas	25	39%
Ir para casa	17	26%
Frequentar as AEC na escola	10	15%
Frequentar atividades fora da escola	9	14%
Ver televisão	4	6%

Não foram consideradas as respostas de 2 alunos, por terem assinalado 2 opções contrariando as instruções.

Questão - Gostas de participar nas atividades de enriquecimento curricular?

A esta questão quarenta e dois alunos responderam que gostavam de participar em todas as atividades, catorze alunos responderam que gostavam de participar em algumas e sete alunos responderam que não gostavam de participar em nenhuma atividade. De referir que três alunos não responderam a esta questão e um aluno respondeu com duas opções. Podemos constatar, conforme se evidencia no gráfico seguinte que a maioria dos alunos gosta de participar em todas as AEC.

Gráfico 1 – Participação dos alunos nas AEC



Questão - Alguma vez te perguntaram que atividades de enriquecimento curricular devem existir na escola?

A esta questão cinco alunos responderam que já lhes foi perguntado, enquanto sessenta e dois alunos responderam que não como demonstra o quadro seguinte:

Tabela 2 - Opinião dos alunos na escolha das atividades

Opção	Nº de respostas
Sim	5
Não	62

Questão - Gostarias de ter outras atividades diferentes das que existem na tua escola?

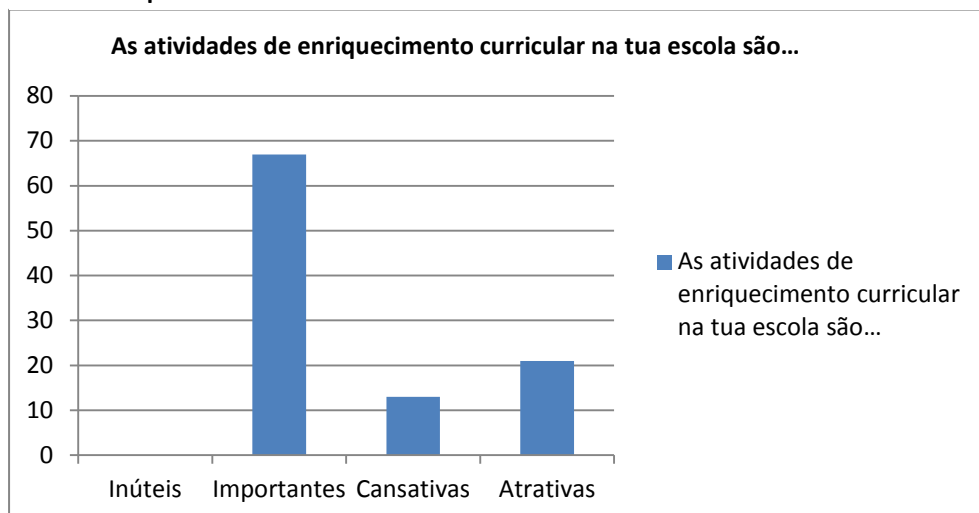
A esta questão a maioria dos alunos respondeu que gostariam de ter outras atividades diferentes e dezassete responderam que não, conforme se demonstra na tabela seguinte:

Tabela 3 - Opção de outras atividades

Opção	Nº de respostas	%
Sim	50	93%
Não	17	7%

Questão - As atividades de enriquecimento curricular na tua escola são...

A esta questão e de acordo com as quatro opções colocadas no questionário, (Inúteis, importantes, cansativas e atrativas) sessenta e sete alunos responderam que as atividades eram importantes, vinte e um alunos consideram-nas atrativas e treze alunos responderam que eram cansativas. Nenhum aluno considerou as atividades inúteis.

Gráfico 2 - Opinião sobre as atividades

Questão – Assinala as duas atividades que mais gostas de participar.

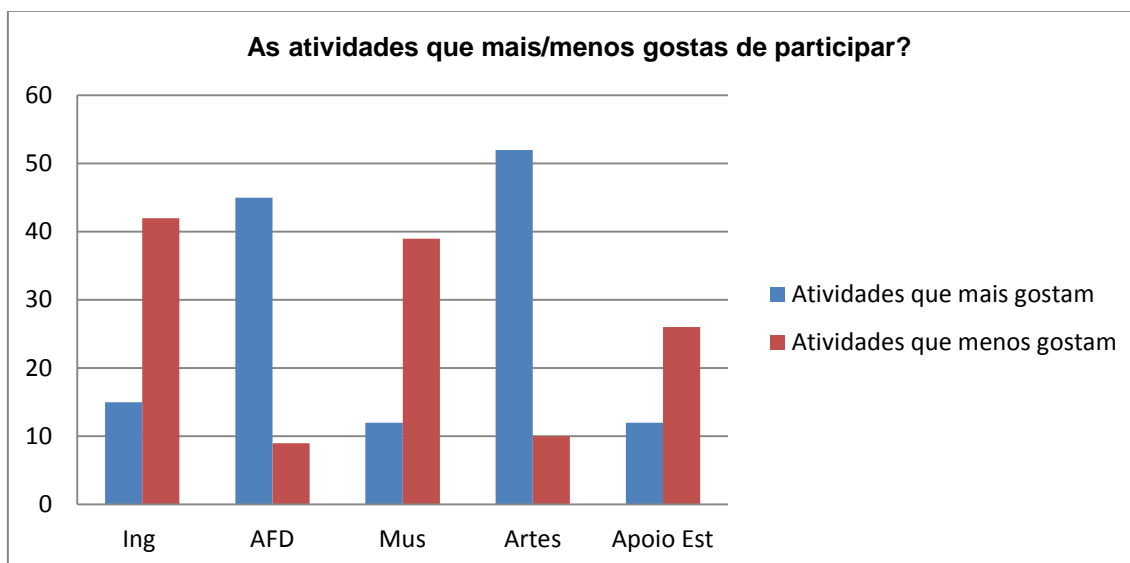
A esta questão vinte e oito alunos, que corresponde ao maior número de preferências, assinalaram a opção Atividade Física e Desportiva/Artes. Oito alunos assinalaram a opção Inglês/ Artes, sete assinalaram Atividade Física Desportiva/Apoio ao Estudo, seis assinalaram Atividade Física e Desportiva/Música, cinco assinalaram Artes/Apoio ao Estudo, quatro assinalaram Inglês/Atividade Física e Desportiva, três assinalaram Inglês/Música e também três alunos assinalaram a opção Música/Artes. De referir que três alunos não responderam a esta questão.

Questão – Assinala as duas atividades que menos gostas de participar.

A esta questão o maior número de alunos assinalou a opção Inglês/Música, que corresponde a vinte e uma preferências. Doze alunos assinalaram a opção Música/Apoio ao Estudo, onze assinalaram a opção Inglês/Apoio ao Estudo, seis assinalaram Inglês /Artes, quatro assinalaram Inglês/Atividade Física e Desportiva, três assinalaram Música/Artes, dois assinalaram Artes/Apoio ao Estudo, um aluno assinalou Atividade Física e Desportiva/Artes e também só um aluno assinalou a opção Atividade Física e Desportiva/Apoio ao Estudo. Refere-se ainda que também três alunos não responderam a esta questão.

Cruzando os dados das duas questões ficamos com a perceção das preferências dos alunos relativamente à participação nas AEC como se ilustra no gráfico seguinte:

Gráfico 3 - As atividades mais preferidas e menos preferidas



A análise das respostas dos alunos permite-nos ter uma perceção relativamente aos seus interesses, ao tempo livre, à opinião e preferências sobre as AEC.

Assim, o resultado desta análise, permite concluir que, depois de terminar as aulas, as crianças preferiam “brincar com os colegas” e “ir para casa”. Apesar de gostarem das AEC as crianças mostram interesse em terem outras atividades, porém, a maioria diz que nunca foi ouvida na escolha das atividades. Relativamente às preferências pelas atividades, podemos constatar que preferem atividades de expressão, com carácter mais lúdico (Atividade Física Desportiva e Artes) e as que menos preferem são as atividades com carácter mais formativo (Inglês e Apoio ao Estudo).

3.8.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS AOS TÉCNICOS DAS AEC

Foram feitas sete entrevistas aos técnicos que desenvolvem as AEC, de acordo com o guião previamente estabelecido (apêndice II).

As entrevistas foram gravadas em registo áudio e mais tarde transcrita para uma análise mais pormenorizada.

Colocada a questão se as AEC eram uma boa solução para os tempos livres dos alunos, a maioria respondeu que eram uma boa solução porque permitiam que as crianças tivessem “o tempo livre ocupado com atividades e desenvolver determinadas capacidades”.

Um dos técnicos considerou as AEC como “um bom complemento para apoio da educação das crianças” permitindo aos alunos “ter contacto com novas áreas, novos professores, novas formas de ensino e métodos de trabalho.” Outro técnico, referiu que “as AEC podem ser uma boa solução para os tempos livres se trabalharmos o lúdico com jogos e atividades que permitam aos alunos ter uma boa ocupação dos tempos livres”

A maioria considerou que estas atividades exploram o carácter lúdico e que são uma boa alternativa para as crianças, “são uma boa solução comparativamente às salas de estudo ou ATL onde as crianças passam o tempo a fazer os TPC ou com explicações.” Referiu ainda um técnico da atividade de inglês que “para além dos alunos estarem a adquirir conhecimentos de uma língua estrangeira, que os acompanhará ao longo do percurso escolar, estão a fazê-lo ludicamente.”

Referiram também que é uma forma de os alunos poderem beneficiar de atividades noutras áreas, atividades que “os pais não poderiam oferecer de outra forma, por questões económicas e de disponibilidade de tempo como por exemplo música e desporto.”

À pergunta se os horários e tempos letivos das AEC são adequados ao nível etário dos alunos, a maioria respondeu que considerava os tempos e horários adequados. Os técnicos de atividade física desportiva referiram que esta atividade deveria ter mais carga horária “devido ao problema da obesidade infantil” e também “porque as crianças passam muito tempo sentadas e sem atividade física.” Os técnicos de Artes referiram o benefício das “aulas” de 90 minutos, porque “90 minutos seguidos por semana, com a mesma turma, facilita a realização de tarefas e trabalhos.” Salientaram ainda que, o relacionamento com a turma e o planeamento da atividade determinam se o tempo numa atividade é adequado “não é tempo, mas a maneira como nos relacionamos com a turma e como o tempo é organizado, no início, as aulas de 90 minutos eram um caos, e agora, depois de tanto tempo de experiência as aulas de 90 minutos funcionam bem e os alunos nem dão conta do tempo passar se tivermos tudo organizado.”

Colocada a questão se na organização das AEC foi tida em conta a opinião dos alunos, e se deveria ser dada a possibilidade de escolha aos alunos de entre uma

oferta mais alargada, a maioria respostas centrou-se na segunda parte da questão, com respostas divergentes.

Enquanto um dos técnicos referiu que não deveria ser dada possibilidade de escolha aos alunos porque “ as atividades de Atividade Física Desportiva, o Inglês, a Música e Artes Plásticas são as únicas que devem existir”, outros referiram que concordavam que as crianças escolhessem as atividades porque “poderão estar mais motivados e interessados” e porque “ a opinião dos alunos é importante para manter os níveis de motivação mais elevados possíveis para conseguir índices de comportamento, participação nas aulas, e resultados o mínimo razoáveis.” Ainda relativamente à escolha das atividades, consideraram que os alunos “poderão escolher mas com áreas balizadas, e com análise dos resultados da evolução de aprendizagens, no final das atividades.”

Relativamente à questão se as AEC comprometem o tempo de brincadeira dos alunos, só dois consideraram que as AEC comprometem este tempo porque “muitas crianças passam muito tempo na escola e quando vão para casa passam muito tempo a ver televisão ou no computador”. Referiu o outro técnico, que “as crianças passam pouco a brincar e com a família e era necessário terem mais tempo livre para brincarem.” Os restantes responderam que as AEC não comprometem o tempo de brincadeira, referindo que “os alunos têm intervalos” e que “nas aulas procura-se utilizar a brincadeira, jogos, etc.” Considerou ainda um técnico que “os tempos para brincar devem ser intercalados e definidos para a criação de hábitos no crescimento do aluno. Não considerando que as AEC “retirem tempo de diversão aos alunos.”

Relativamente à pergunta se os alunos revelam interesse, participam e estão motivados nas AEC, todos referiram que os alunos revelam interesse, estão motivados e participam nas atividades, salientando que “os alunos demonstram muito interesse, participam muito nas aulas, e querem sempre aprender coisas novas.”

Questionados sobre a metodologia que utilizam no desenvolvimento das AEC, a maioria respondeu que utilizam uma metodologia com caráter lúdico, recorrendo a “atividades lúdicas, com muitos jogos e muita prática.” Um técnico da Atividade Física e Desportiva reforçou esta ideia e salientou que “procura ensinar com diversão e alegria.” Da mesma opinião é outro técnico de Música referindo que “procuro que as aulas de música sejam uma brincadeira, por isso trago muitas brincadeiras para a aula e utilizo muito o jogo.”

Os técnicos que desenvolvem a atividade de Inglês referiram que procuram que o Inglês seja uma atividade lúdica. Contudo também dizem que “a nível de Inglês há a tentativa de seguir o currículo e prepará-los para o 5º Ano, e assim esta atividade é mais uma aula, mas tenta-se que as aulas sejam diferentes.” Referiram ainda que utilizam o manual, porque é oferecido pela Autarquia e planificam as “aulas” de acordo com as orientações programáticas. Apesar disso procuram que “não sejam aulas tradicionais.”

Relativamente à questão sobre o espaço onde decorrem as AEC, alguns técnicos, sobretudo os técnicos da atividade de inglês, consideraram-no adequado, referindo que nesta escola, esta atividade funciona na sala onde os alunos têm aulas, e por isso, é adequado.

Opinião contrária têm os técnicos da Atividade Física e Desportiva referindo a falta de um pavilhão ou espaço amplo coberto e que “sobretudo no mau tempo é complicado dar aulas.” Os técnicos das atividades de Artes e Música disseram ainda que “o espaço não é o mais adequado porque limita em algumas atividades.”

Referiram ainda a falta de salas específicas para atividades como Artes Plásticas que trabalham com materiais que necessitam de mais espaço e locais para serem guardados.

Questionados a apresentar sugestões para organizar de outra forma as AEC, a maioria não apresentou soluções alternativas ao modelo de organização da escola, referindo que “nesta escola as AEC estão a funcionar bem”. Disseram ainda que “a organização das AEC tem vindo a melhorar e os horários têm sido mais organizados”.

Um dos técnicos sugeriu que houvesse mais articulação entre os professores titulares e os professores das AEC, referindo que “é importante haver uma articulação curricular entre o currículo do 1º Ciclo e o que se programa nas AEC, porque podem ser trabalhados determinados conteúdos e competências que vão ajudar o aluno”.

Sugeriu ainda, um dos técnicos, que “deveria existir uma avaliação com maior relevo/ peso, pois só assim, as AEC poderiam mesmo enriquecer o aluno como se de uma disciplina se tratasse.” Acrescentou também que “estas atividades são complementos muito importantes para o aluno e não deveriam ser vistas apenas como um divertimento” mas como “uma disciplina que facilita em muito a sua formação e aquisição de conteúdos.”

3.8.4 ANÁLISE DO “ FOCUS GROUP”

No dia dezassete de janeiro foi realizada a sessão do grupo focal com os dez professores titulares de turma que lecionam na escola EB1/JI de Carvalhos.

A entrevista foi feita de acordo com um guião previamente estabelecido (apêndice III), com quatro questões chave. Esta entrevista coletiva funcionou como espaço e momento de comunicação e de reflexão participada, permitindo a escuta das pessoas e a partilha de opiniões. O moderador teve como papel:

- Colocar a questão-chave para debate
- Garantir a participação de todos
- Facilitar o processo de discussão
- Estimular e incentivar a participação colocando outras questões, quando oportuno ou pertinente
- Incentivar e aprofundar o debate de modo a abordar ou aprofundar os tópicos a explorar
- Intervir quando algum participante se desviar do tema
- Fazer uma síntese da discussão já efetuada

Esta entrevista tinha como objetivo constatar, através da partilha de opiniões, as perceções dos professores titulares de turma, relativamente ao desenvolvimento das AEC na escola no que se refere:

- Ao contributo, vantagens e desvantagens das AEC na formação dos alunos.
- Às formas como se desenvolvem as AEC.
- Aos efeitos na motivação dos alunos.
- Sugestões que possam promover uma forma alternativa de organizar as AEC.

No debate entre os participantes, de acordo com as quatro questões chave, foram explorados os tópicos para cada uma delas, que pretendiam obter informações sobre:

- Se as AEC são uma boa solução para o tempo livre dos alunos.
- Se as AEC comprometem o tempo de brincadeira dos alunos.
- Se a frequência das AEC têm algum impacto no comportamento dos alunos
- Se o tempo e os espaços onde decorrem as AEC são adequados.
- Que tipo de metodologia deveria ser utilizado pelos animadores das AEC.

- Se reconhecem vantagens ou desvantagens nas AEC.
- Se os alunos estão motivados para as AEC e se isso tem efeitos na motivação para as aulas.
- Se deveria ser dada oportunidade aos alunos de escolher as atividades de entre uma oferta mais alargada.

A sessão foi gravada em registo áudio e mais tarde transcrita para uma análise mais pormenorizada.

Iniciada a sessão, foi colocada a primeira questão chave:

Questão - O que pensam das AEC e como as avaliam do ponto de vista do seu contributo para a formação dos alunos.

A esta questão a maioria dos professores consideraram que as AEC não são uma boa solução para os tempos livres dos alunos. Estes professores apontaram como uma das principais desvantagens para as crianças, o facto de as crianças ficarem com o tempo muito ocupado, “as crianças não têm tempo livre nenhum” referindo também que “vão para casa e não têm tempo para outras atividades, para fazer os trabalhos de casa, para brincar”.

Uma das professoras referiu como a principal vantagem das AEC o facto de ser uma resposta social ao problema das famílias, “as AEC são uma solução para as famílias que trabalham e não têm onde deixar os filhos”. Neste sentido considera que a principal vantagem das AEC é que “são uma forma de manter as crianças ocupadas e que de outra maneira ficavam entregues a si próprias, em casa sozinhas a ver televisão ou no computador”. Contudo refere também as desvantagens das AEC para as crianças salientando que “as crianças passam muito tempo na escola com atividades semelhantes às atividades letivas o que acaba por se tornar cansativo, quer para as crianças quer para os professores”.

Nessa sequência, todas foram unânimes em considerar que as AEC comprometem o tempo livre dos alunos, ou seja, ficam sem tempo para fazer as atividades que escolhem de forma livre “como seja brincar com os colegas”. O tempo livre para brincar, em que desenvolvem a criatividade e imaginação de uma forma autónoma, acaba por estar reduzido às horas de intervalo “acabam por ter pouco tempo para brincar, o intervalo de 30 minutos de manhã e à tarde é pouco tempo para brincar com os colegas, alguns comem o pão a correr para ter mais tempo para brincarem com os colegas”. Justificando este facto, algumas professoras alegam que, as crianças têm o dia preenchido com atividades “dirigidas” e que “as crianças estão muito tempo sobre o domínio do adulto, sobre a orientação do adulto e isso não lhes

dá grande autonomia.” Na opinião duma professora, a frequência das AEC não dá oportunidade às crianças, de brincar livremente, de experimentar, de “ficar sem fazer nada”. Ainda de acordo com esta professora, as AEC limitam a autonomia e a capacidade criativa dos alunos porque “a maioria das crianças já não sabe brincar, ou ter brincadeiras livres sem serem orientadas porque não lhes é dada oportunidade de experimentar mais vezes brincar livremente e assim perdem essa capacidade. Se lhes dermos sempre atividades dirigidas, orientadas, acabam por perder autonomia e estar dependentes dos adultos para tudo, até para brincar porque estão sempre à espera que lhes digam o que fazer”.

Contrariando em parte esta opinião, uma das professoras referiu que, apesar destas desvantagens, as crianças necessitam de estar ocupadas com atividades porque “quando deixamos as crianças sem fazer nada, elas sentam-se em frente à televisão ou no computador.” Neste sentido considera que as AEC proporcionam o desenvolvimento de atividades e que são um contributo para a formação dos alunos.

Nesta sequência, algumas professoras são da opinião que a forma como as AEC estão estruturadas e o modo de funcionamento leva a “uma sobrecarga de atividades” que provoca saturação e cansaço nas crianças, que se reflete no comportamento dos alunos “os alunos estão mais cansados, não estão com tanta atenção e por isso ficam mais agitados.” Referiram ainda que, quando o horário letivo é flexibilizado e têm uma AEC antes do início da atividade letiva “entram na sala mais excitadas e barulhentas”.

Questão – O que pensam quanto ao tempo, espaço e modo como se desenvolvem as AEC no Agrupamento.

Relativamente a esta questão, todos os professores referiram que as escolas não estão adaptadas ao funcionamento destas atividades. Apontaram como o principal problema, no desenvolvimento das AEC, a falta de estruturas e espaços físicos alternativos à sala de aula. Estas professoras são da opinião que os alunos “permanecem o dia inteiro na mesma sala, no mesmo espaço, e isso é desgastante”.

Referiram ainda que as atividades de expressão não funcionam da melhor forma porque não existem espaços adequados ao seu funcionamento. Deram como exemplo o desenvolvimento da Atividade Física e Desportiva que nos dias de chuva é desenvolvida na sala de aula, por falta de ginásio ou recreio coberto, e que “neste espaço os alunos não vão poder correr e saltar e até mesmo fazer determinados jogos como se esperaria de uma atividade como esta.” Estas atividades que poderiam ser uma forma de liberdade de expressão, “atividades em que libertassem as energias,

que exteriorizassem ao fim de um dia de aulas”, acabam por estar condicionadas pelo espaço físico. A maioria das professoras são da opinião que deveriam existir outros espaços para o desenvolvimento destas atividades, apontando como solução espaços exteriores à escola com o recurso a parcerias com entidades locais para dar resposta à necessidade de espaços, permitindo assim uma qualificação das atividades e uma rentabilização dos espaços.

Além de referirem que os alunos passam muito tempo no mesmo espaço, algumas professoras consideraram que, a organização das AEC em tempos de 45 minutos, faz com que estas atividades se assemelhem a aulas curriculares. Acrescentou ainda, outra professora, que a organização das AEC em tempos de 45 minutos “não compensa, são tempos muito curtos, esperar que sosseguem são cinco ou dez minutos e no final cinco ou dez minutos para arrumar.” De opinião contrária, uma outra professora referiu que, a organização das AEC em tempos de 45 minutos é mais adequada ao nível etário dos alunos porque “as crianças não ficam tão cansadas.”

Ainda em relação à organização das AEC, a maioria das professoras não concorda com a flexibilização do horário letivo, com acontece nesta escola, porque “a flexibilização faz com que as AEC se assemelhem a aulas letivas”, e que “quando os alunos têm as atividades de manhã, antes das aulas, a manhã não rende tanto, que é quando se trabalha melhor.” Assim a maioria das professoras são da opinião que as AEC devem ser desenvolvidas depois do horário letivo.

Neste seguimento, também concordaram que o horário de funcionamento das AEC após a atividade letiva permite que estas atividades sejam desenvolvidas com caráter mais lúdico porque “poderiam ser oferecidas outras atividades, sem serem em tempos de 45 minutos ou até mesmo 90 minutos e serem feitas noutros espaços”.

Neste sentido, a maioria das professoras concordou que as AEC deveriam ser “atividades mais livres”, que não deveriam ser “mais uma disciplina” e que os animadores das AEC deviam “sair mais da sala de aula e utilizar atividades lúdicas.” Algumas professoras referem ainda que, no desenvolvimento das AEC se utiliza uma metodologia semelhante às aulas curriculares, salientando que “os alunos são avaliados nestas atividades, têm manuais e fichas de atividades.”

Questão – Entende que as AEC motivam os alunos?

A esta questão, todas as professoras são de opinião que a grande maioria dos alunos gosta das AEC. Algumas professoras referiram que os alunos gostam das AEC porque “como têm que frequentar acabam por gostar, nem põem em questão.” Outra

professora referiu que “se calhar preferiam ir para casa, mas como não podem escolher, acabam por gostar.” Também referiram que as crianças não podem escolher as atividades que frequentam porque os pais inscrevem-nas nas atividades que o Agrupamento oferece.

Referiram ainda que a opinião dos alunos nunca foi tida em conta na escolha das atividades, mas que “era importante ouvir as crianças para perceber quais as atividades que mais gostam e quais são os seus interesses.” São ainda de opinião que, deveria ser dada a possibilidade aos alunos de escolher as AEC em que gostariam de participar entre uma oferta mais alargada e que tivesse em conta os seus interesses. Este facto iria permitir oferecer outro tipo de atividades de acordo com os interesses dos alunos, contribuindo para uma maior motivação para estas atividades.

Questão – Têm sugestões para organizar de outra forma as AEC.

A primeira sugestão que as professoras apresentaram, relativamente ao modo de organizar as AEC, relaciona-se com o horário de funcionamento destas atividades. Assim, todas concordaram que estas atividades deveriam funcionar depois da componente letiva, não permitindo que se flexibilizasse o horário letivo. O desenvolvimento das AEC depois da atividade letiva iria também permitir que estas atividades tivessem um caráter mais lúdico.

Segundo algumas professoras, as AEC deviam ter um caráter mais lúdico, que “permitam desenvolver mais a criatividade e a imaginação, evitando que “não se tornem mais numa disciplina.”

Nesse sentido sugeriram que, deveriam ser criadas outras atividades nas áreas das expressões, organizadas “de uma outra forma.” Uma das professoras apresentou como proposta para o funcionamento das AEC, “a criação de ateliers ou oficinas de pintura, teatro, plástica, dança, etc. Espaços, “que os alunos poderiam frequentar de acordo com as suas preferências, sem serem obrigados a frequentar mais uma aula na sala”. Esta sugestão foi apoiada por mais professoras, que referiram ainda, que os alunos “deviam ter outro tipo de atividades que lhes permitissem desenvolver determinadas capacidades e a resolver determinados problemas.”

Outra das sugestões apresentadas, relaciona-se com os espaços onde se desenvolvem as atividades. Neste sentido, foi sugerido que algumas atividades, principalmente Atividade física e Desportiva, fossem desenvolvidas fora do espaço escolar, recorrendo-se aos pavilhões desportivos e academias.

De acordo com a maioria das professoras, a Atividade Física e Desportiva deveria ser desenvolvida “em espaços próprios, com condições adequadas.” O recurso a estes espaços iria permitir que os alunos “não passassem tanto tempo na

escola, no mesmo espaço e na sala de aula”, acrescentando ainda que “quando chove eles passam o dia inteiro na sala de aula porque não existem recreios cobertos.” Referiram também que se fossem criadas parcerias ou acordos com instituições desportivas ou recreativas poderiam ser desenvolvidas outras modalidades desportivas.

Na sequência destas sugestões, reforçaram a opinião sobre o horário de funcionamento das AEC, referindo que este tipo de organização sugerido só seria possível se as AEC funcionassem depois das atividades letivas, uma vez que, a flexibilização do horário letivo, de acordo com o que está previsto na lei, inviabiliza a deslocação dos alunos para espaços fora da escola.

3.8.5. TRIANGULAÇÃO DOS DADOS RECOLHIDOS

Após análise da informação recolhida nesta investigação, expressa nos testemunhos dos participantes, procedemos à triangulação dos dados e efetuamos uma análise interpretativa que nos permitiu as seguintes conclusões:

- Os alunos passam muito tempo na escola com atividades programadas.
- Os horários de funcionamento das AEC, em tempos de 45m e 90m e a flexibilização do horário letivo, conduzem a uma escolarização destas atividades.
- As crianças têm uma sobrecarga horária no ambiente escolar que se reflete no comportamento, em fadiga, maior desconcentração e desmotivação para realizarem as aprendizagens.
- A oferta de atividades é apresentada pelo Agrupamento de Escolas, sem dar aos alunos a possibilidade de escolha.
- As atividades são desenvolvidas em contexto de sala de aula.
- Falta de espaços adequados para o desenvolvimento das atividades, principalmente na área da atividade física e desportiva.
- Metodologia utilizada no desenvolvimento das AEC, centrada no aspeto formativo, sobretudo no Ensino de Inglês e Apoio ao Estudo, embora os técnicos das AEC digam que utilizam muitas atividades lúdicas, verifica-se também que utilizam métodos de aprendizagem semelhantes aos utilizados nas aulas curriculares (manuais, fichas de avaliação, sala de aula e avaliação das aprendizagens).

A partir destas conclusões, obtidas pela análise interpretativa da triangulação dos dados recolhidos no estudo empírico, e tendo em conta os pressupostos teóricos

e legais, desenhamos o plano de ação a implementar na escola, definindo os objetivos a atingir, as estratégias e atividades a implementar.

CAPITULO IV - PLANO DE AÇÃO

A proposta do seguinte Plano de Ação tem como objetivo:

Contribuir para o desenvolvimento da vertente lúdica na organização dos tempos não letivos dos alunos.

A partir do objetivo geral, definimos os seguintes objetivos específicos:

1. Promover a oferta de atividades tendo em conta os interesses dos alunos.
2. Criar medidas e estratégias de intervenção para garantir o carácter lúdico das atividades.
3. Criar espaços adequados ao desenvolvimento das atividades.

De acordo com os objetivos específicos, definimos para cada um dos objetivos as estratégias e atividades a implementar:

Objetivo 1:

Promover a oferta de atividades tendo em conta os interesses dos alunos.

Estratégias / Atividades

- Inquirir os alunos na escolha das atividades
- Criar a oferta dum conjunto de atividades na área das expressões: Artes Plásticas, Teatro, Dança, Atividade Física e Desportiva (ginástica), Natação, Música.
- Elaboração dos horários das atividades após a componente letiva
- .
- Efetuar a inscrição dos alunos nas atividades de acordo com a sua opção.
- Criar e organizar ateliers de atividades, de acordo com as opções manifestadas pelas crianças.

Objetivo 2:

Criar medidas e estratégias de intervenção para garantir o carácter lúdico das atividades.

Estratégias / Atividades:

- Realizar reuniões e ações de formação com os técnicos das AEC, com o objetivo de promover a utilização de metodologias de carácter lúdico no desenvolvimento destas atividades.
- Propor ao Conselho Pedagógico, para aprovação, a criação da oferta de atividades com carácter lúdico.
- Criar um grupo de trabalho e acompanhamento das AEC que proceda à avaliação e monitorização das atividades, através de reuniões com os professores titulares de turma e técnicos das AEC e questionários aos alunos.

Objetivo 3:

Criar espaços adequados ao desenvolvimento das atividades.

Estratégias / Atividades:

- Realizar reuniões com a direção do Agrupamento e Autarquia, entidade promotora, com vista a: definir a oferta educativa, tendo em conta a opinião e escolhas dos alunos e garantir os meios necessários e de cooperação para a realização de atividades em espaços exteriores à escola.
- Estabelecer parcerias e acordos de colaboração com associações e entidades locais (pavilhões desportivos, academias, etc) para o desenvolvimento de atividades.

Definidos os objetivos e identificadas as estratégias e atividades a realizar, ilustra-se no quadro seguinte a calendarização do plano de ação a desenvolver:

Tabela 4 Calendarização do Plano de Ação

CALENDARIZAÇÃO	ATIVIDADE	ESTRATÉGIA
Final do ano letivo 2012/13	Inquirir os alunos na escolha das atividades	Distribuição de questionários aos alunos
Final do ano letivo 2012/13	Proposta da oferta educativa para o ano letivo seguinte	Reuniões com a entidade promotora e a direção do Agrupamento Submeter ao C P a aprovação, da oferta educativa
Final do ano letivo 2012/13	Assinatura de protocolos e parcerias com instituições locais	Levantamento de instituições promotoras de espaços alternativos. Reuniões de negociação com as instituições e entidade promotora
Final do ano letivo 2012/13	Elaboração dos horários das AEC	O tempo das atividades colocados após a componente letiva
Final do ano letivo 2012/13	Inscrição dos alunos nas atividades	
Final do ano letivo 2012/13	Criação de atelieres	cada atividade passam a ser desenvolvida numa sala destinada para esse efeito
Final do ano letivo 2012/13	Elaboração do horário do horário de funcionamento dos atelieres	
Início do ano letivo 2013/14	Planificação de atividades de caráter lúdico	Realizar reuniões com os técnicos das AEC Ações de formação
Durante o ano letivo	Realizar a avaliação do funcionamento das AEC	Criar um grupo de trabalho e acompanhamento das AEC

De acordo com os objetivos e propostas de atividades do plano, exemplificamos de seguida a organização dos ateliers, atividades e horários de funcionamento na escola:

Tabela 5- Horários dos Ateliers/Atividades

Horas/Tempos	2ª F	Sala	3ªF	Sala	4ªF	Sala	5ªF	Sala	6ªF	Sala
9h / 15.30h	Atividade Letiva	1	Atividade Letiva	1	Atividade Letiva	1	Atividade Letiva	1	Atividade Letiva	1
15.45h/16.30h	Inglês A.Estudo	1	Inglês A.Estudo	1	Inglês A.Estudo	1	Inglês A.Estudo	1	Teatro Música Artes	1
		2		2		2		2		
		3		3		3		3		
		4		4		4		4		
		5		5		5		5		
		6		6		6		6		
16.45h /18h	Artes	7	Artes	7	Artes	7	Artes	7	Artes	7
	Música	1	Música	1	Música	1	Música	1	Música	1
	Teatro	2	Teatro	2	Teatro	2	Teatro	2	Teatro	2
	Dança	8	Dança	8	Dança	8	Dança	8	Dança	8
	Natação	Ext	Natação	Ext	Natação	Ext	Natação	Ext	Natação	Ext
	Atividade Física	Ext	Atividade Física	Ext	Atividade Física	Ext	Atividade Física	Ext	Atividade Física	Ext

Exemplo de Horário de funcionamento das atividades e ateliers

Tabela 6 Horário do aluno

Horas/Tempos	2ª F	Sala	3ªF	Sala	4ªF	Sala	5ªF	Sala	6ªF	Sala
9h / 15.30h	Atividade Letiva	1	Atividade Letiva	1	Atividade Letiva	1	Atividade Letiva	1	Atividade Letiva	1
15.45h/16.30h	Inglês	1	A.Estudo	1	Inglês	1	A.Estudo	1	Teatro	1
16.45h/18h	Natação		Música	1	Natação		Artes	7	Música	1

Exemplo de horário dum aluno que optou pelas atividades de: Natação, Música, Artes e Teatro

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a implementação da “Escola a Tempo Inteiro” o governo pretende resolver um problema social, gerado pela falta de disponibilidade das famílias para o acompanhamento das suas crianças. Pretende, ainda, o acesso gratuito de todas as crianças a um conjunto de “atividades enriquecedoras do currículo.” Se por um lado esta medida se configura como uma solução para esta problemática, por outro lado, suscitou outras questões relacionadas com o tempo de permanência das crianças na escola.

O que se verifica, em resultado da introdução e implementação destas atividades, é que o espaço de tempo que muitas crianças tinham para gozar algum tempo livre, foi ocupado por tempo de trabalho com outras atividades letivas. Com o significativo aumento do horário escolar, o tempo livre para brincar, jogar e desenvolver outras atividades da vontade das crianças foi substancialmente diminuído.

Influenciado por Dumazedier, refere Pinto (2000) que “o tempo de lazer deveria circunscrever-se ao conjunto de atividades e ocupações resultantes de atos autónomos de escolha por parte das crianças” (p. 52). Contudo o dia das crianças passou a estar todo ocupado com o tempo escolar, em atividades letivas e atividades programadas, que condicionam os únicos momentos onde acontecia um exercício efetivo do direito de participação e decisão das crianças – os recreios escolares e as Atividades de Tempos Livres.

Esta investigação evidenciou que, a escola ao “organizar” de forma espartilhada o tempo, que as crianças anteriormente geriam livremente, poderá comprometer a sua autonomia e a capacidade de construir o seu projeto de futuro, ao inibir a sua capacidade de participação. Muitas das Atividades de Enriquecimento Curricular acabam por ser confinadas aos espaços de salas de aulas, centram-se numa metodologia programática, não assegurando o carácter lúdico e não atendendo aos gostos e interesses das crianças.

Uma outra condição que esta investigação evidenciou é a vontade demonstrada pelos professores titulares para uma melhor articulação entre os diferentes intervenientes, que proporcione uma melhoria do “espaço” lúdico na escola, para que os alunos não se esgotem num longo dia em espaço escolar.

Neste sentido, é necessário um novo conceito de escola a tempo inteiro e uma nova organização no desenvolvimento das AEC, na qual esteja subjacente o conceito de lazer e tempo livre das crianças.

Nesta perspetiva, o tempo que as crianças passam na escola, deverá ser um tempo em que o educador (professor/animador) suscite vivências estimulantes para as

crianças, que possibilitem o desenvolvimento de competências pessoais e sociais num contexto lúdico suportado pelas características do lazer: descansar, divertir e desenvolver.

Contudo, a viabilidade desta proposta só poderá ser assegurada com a existência de uma estratégia integrada e articulada de informação e formação de todos os intervenientes da comunidade educativa, no sentido de melhor adaptar as AEC ao contexto local, aos interesses e expectativas dos alunos.

O desenvolvimento de uma oferta de atividades de enriquecimento curricular mais alargada ao nível do agrupamento de escola, que pudesse possibilitar uma efetiva escolha por parte dos alunos, seria uma melhor solução à atual situação, para que a escola cumpra verdadeiramente uma das suas funções – a formação pessoas livres e responsáveis.

Neste sentido desejamos que este projeto possa contribuir para o desenvolvimento da vertente lúdica organização dos tempos não letivos dos alunos e para a sua formação global.

BIBLIOGRAFIA

- ABRANTES, P.; CAMPOS, R.; RIBEIRO, A. A. (2009). Atividades de Enriquecimento Curricular: Casos de Inovação e Boas Práticas. CIES: ISCTE, Lisboa.
- anos”, Parecer 8/2008.
- ARAÚJO, M J. (2009). Crianças Ocupadas. Prime Books.
- ARAÚJO, M J. (2006) Crianças: Sentadas! Trabalhos de Casa no ATL, Legis Editora/Livpsic
- BARDIN,S (1989). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- BELL, J. (2004). Como realizar um projeto de investigação. Lisboa: Gradiva.
- BOGDAN, R E BIKLEN, S. (1994). Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora.
- BRAMÃO, M,A Educação para o tempo livre, uma reflexão sobre ATL. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/229/SeE_5EducacaoTempoLivre.pdf?sequence=1
- CAMARGO, L. O. L. (1989) O que é Lazer. São Paulo: Brasiliense.
- CAP (2007). Relatório Final de Acompanhamento da Implementação das Atividades Enriquecimento Curricular. Disponível em <http://www.dgicd.min-edu.pt/basico/Documents/AECRelatorioFinalCAPVsProv.pdf> (Acesso: janeiro 2013)
- CARMO, H.E FERREIRA, M. M. (1998). Metodologia de investigação. Lisboa: Universidade Aberta.
- CHATEAU,J, O Jogo e Criança. São Paulo, Summus, 1997.
- CONFAP (2007). Relatório da Análise de Implementação e Recomendações. Disponível em http://confap.pt/docs/AECs_CONFAP_120407.pdf (Acesso: dezembro 2012)
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (2000). Parecer 3/2000 - Proposta de Reorganização Curricular do Ensino Básico. Disponível em http://www.cnedu.pt/files/cnepareceresmodule/Parecer_3_2000.pdf (Acesso dezembro 2012)
- DUMAZEDIER, J. (1976). Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva.

- DUMAZEDIER, J. (1974). Sociologia Empírica do Lazer. São Paulo: Perspectiva
- EDUCAÇÃO, Conselho Nacional de (2008). "A educação das crianças dos 0 aos 12.
- LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G. & BOUTIN, G. (1994). Investigação qualitativa: fundamentos e práticas. Lisboa: Instituto Piaget.
- LÚCIA OLIVEIRA, ANABELA PEREIRA E RUI SANTIAGO (2004), Investigação em educação, Abordagens Conceptuais e Práticas: Porto Editora.
- MARCELLINO, N. C. (1983). Lazer e humanização; Campinas: Papyrus, SP.
- MARCELLINO, N. C. (1997). Pedagogia da Animação, Campinas: Papyrus, SP
- MEDEIROS, E.B. (1975). O Lazer no Planeamento Urbano. Rio de Janeiro: F.G. V.
- MELO, V. A. & JUNIOR, A. (2003). Introdução ao lazer. Barueri. SP: Manole.
- MICHELLE LESSARD-HÉBERT, Pesquisa em Educação, Instituto Piaget.
- NETO, C. (1984). A Família e a Institucionalização dos Tempos Livres, Revista Ludens.
- PIAGET, J. A psicologia da criança. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- PIRES, Ca. (2007), A construção de sentidos em política educativa: o caso da escola a tempo inteiro, Sísifo – Revista de Ciências da Educação, nº 4.
- POCINHO, M. DIAS; CAPELO, R. (2009). Otimização dos tempos livres das crianças portuguesas face aos desafios das "novas" famílias do século XXI. Revista da Educação. V. 4, nº 8.
- PUIG J. M.; TRILLA, J. Pedagogia do ócio. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. (2003) Manual de Investigação em Ciências Sociais. (3ª Edição). Lisboa: Gradiva.
- REQUIXA, R. (1980). As dimensões do lazer. Revista Brasileira de Educação Física e Desporto. N.º 45.
- REQUIXA, R. (1980). As dimensões do lazer. Revista Brasileira de Educação Física e Desporto. N.º 45.

ROLDÃO, Maria do Céu (1999). Gestão Curricular – Fundamentos e Práticas. Lisboa: DEB, pp. 23-54.

SALGADO, L. (2007). Aprender em Tempo de Lazer: o Enriquecimento Curricular. Disponível

<https://woc.esec.pt/esec/genericpages/showgenericpage.do?idgenericpage=513&language=pt> (Acesso: dezembro 2012)

SILVA, A. (2007). Recre(i)ar o Espaço Escolar, Contributos das Crianças. Participação e Cidadania. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança. Disponível em http://www.cnpcjr.pt/downloads/Recrear%20o%20espaco%20escolar_Texto%20Definitivo_.pdf

WAICHMAN, P. Tempo livre e recreação: um desafio pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1997.

WINNICOTT, D.W. (1975). O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Legislação Consultada:

Lei n.º 46/86-Lei de Bases do Sistema Educativo.

Decreto-lei nº 286/89 – Aprova os planos curriculares para o ensino básico

Despacho n.º 141/ME/90 - Aprova o modelo de apoio às atividades de complemento curricular.

Despacho nº 16795/2005 – Define as normas a observar no período de funcionamento dos estabelecimentos de educação Pré- Escolar e 1º Ciclo do ensino básico.

Despacho 19575/2006 – Define a duração dos tempos mínimos para a lecionação do programa do 1º Ciclo.

Despacho n.º 12591/2006 (2ª série) - Aprova o desenvolvimento de atividades de animação e de apoio às famílias na educação pré-escolar e de enriquecimento curricular no 1.º ciclo do ensino básico.

Despacho nº 14460/2008 (2ª série) de 26 de maio. - Orientações para implementação das atividades de animação e de apoio à família na educação pré-

escolar e das atividades de enriquecimento curricular no 1º ciclo do ensino básico.
Ministério da Educação.

APÊNDICES

Apêndice I

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Com este questionário pretende-se perceber a participação, as motivações e perceção dos alunos relativamente às atividades de enriquecimento curricular. Todas as informações recolhidas são anónimas e estritamente confidenciais. Responde com sinceridade. Não há respostas corretas ou incorretas. O que importa é que exprimas a tua opinião.

Assinala a tua opinião colocando uma cruz (X) no quadrado

1. O que gostarias mais de fazer depois de terminar as aulas?

Ir para casa

Brincar com os colegas

Ver televisão

Frequentar as AEC na escola

Frequentar atividades fora da escola

2. Gostas de participar nas atividades de enriquecimento curricular?

Em todas

Em algumas

Em nenhuma

3. Alguma vez te perguntaram quais as atividades de enriquecimento curricular que devem existir na escola?

Sim

Não

4. Gostarias de ter outras atividades diferentes das que existem na tua escola?

Sim

Não

5. As atividades de enriquecimento curricular na tua escola são...

a) Inúteis Importantes

b) Cansativas Atrativas

6. Assinala as duas atividades que mais gostas de participar?

Inglês

Atividade Física e Desportiva

Música

Artes

Apoio ao Estudo

7. Assinala as duas atividades que menos gostas de participar?

Inglês

Atividade Física e Desportiva

Música

Artes

Apoio ao Estudo

Obrigada pela tua colaboração.

Apêndice II

Guião da Entrevista – Técnicos das AEC

- As AEC são uma boa solução para os tempos livres dos alunos? Porquê?
- Os horários e os tempos das AEC são adequados ao nível etário dos alunos?
- Na organização das AEC é de alguma maneira tida em conta a opinião dos alunos? Acha que deveria ser dada a possibilidade ao aluno de escolher as AEC de entre uma oferta mais alargada?
- As AEC comprometem o tempo de brincadeira dos alunos?
- Os alunos revelam interesse e participam nas AEC? Sente que os alunos estão motivados?
- Que metodologia utiliza no desenvolvimento das AEC?
- O espaço físico onde decorrem as AEC é adequado?
- Tem sugestões para organizar de outra forma as AEC?

Apêndice III

GUIÃO DA ENTREVISTA COLETIVA – “FOCUS GROUP”

1. O que pensam das AEC e como as avaliam do ponto de vista do seu contributo para a formação dos alunos.
2. O pensam quanto ao tempo, espaço e modo como se desenvolvem as AEC no Agrupamento.
3. Entendem que as AEC motivam os alunos?
4. Têm sugestões para organizar de outra forma as AEC